

JULIANA BUENO MEIRELLES DE AZEVEDO

**ANÁLISE DOS EFEITOS DE UMA INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA
REALIZADA JUNTO A TELEJORNALISTAS**

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

**PUC/SP
São Paulo
2007**

JULIANA BUENO MEIRELLES DE AZEVEDO

**ANÁLISE DOS EFEITOS DE UMA INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA
REALIZADA JUNTO A TELEJORNALISTAS**

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial
para a obtenção do título de MESTRE em
Fonoaudiologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a
Léslie Piccolotto Ferreira.**

**PUC/SP
2007**

AZEVEDO, Juliana Bueno Meirelles

Análise dos efeitos de uma intervenção fonoaudiológica realizada junto a telejornalistas / Juliana Bueno Meirelles de Azevedo – São Paulo, 2007.

Viii, 123 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia.

Título em inglês: **Analysis of the Effects of a Speech Therapy Intervention Program with Television Journalists**

1. Voz 2. Comunicação 3. Treinamento da voz 4. Jornalismo

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Prof. Dr. _____

Prof. Dr. _____

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura:

Local e Data:

DEDICATÓRIA

Aos meus amados pais, José Henrique e Jessie, e irmãos, Priscila e Pedro, pelos muitos momentos em que não pudemos compartilhar nossas vidas, por todos os esforços, compreensão e amor incondicional, e por me apoiarem em todas as etapas de minha vida, acreditando e apostando, sempre, em meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me iluminar e me fazer forte perante os momentos mais difíceis.

À Leslie Piccolotto Ferreira, orientadora querida, registro o meu orgulho pelo brilhantismo profissional e pessoa maravilhosa que é. Possui um jeito ímpar de orientar, corrigindo a dissertação com rigor e grande dose de carinho. Obrigada por acolher-me como “filha científica” e me guiar durante toda essa trajetória.

À Leny Kyrillos, grande mestra e inspiradora no trabalho com jornalistas, por todos os ensinamentos e amizade ao longo dessa jornada. Saiba que não há palavras suficientes para expressar a minha enorme admiração por você e eterna gratidão por tudo que fez por mim.

Às fonoaudiólogas Adriana Panico, Maria Aparecida Coelho e Maria Laura Martz, pelas excelentes contribuições. Suas sugestões, críticas e elogios foram essenciais para a concretização deste sonho.

Aos integrantes do Laborvox da PUC/SP, que acompanharam esta pesquisa desde a sua “concepção”.

Aos telejornalistas, à diretora da Emissora e aos telespectadores participantes, pela contribuição a esta pesquisa, pois sem vocês nada conseguiríamos realizar.

Aos meus tios e primos que residem em São Paulo, pelo carinho e alegria que sempre me proporcionaram durante essa trajetória.

Ao Allan Monteiro por seu amor, carinho, apoio e incentivo sem limites durante todo o percurso do trabalho. Obrigada por tudo!!!

Às queridas amigas Aline Amorim e Amanda Rezende, que se fizeram muito presentes nessa caminhada, pelo apoio em todas as horas e amizade plena todos os dias.

Às amigas do mestrado, pelo companheirismo e incentivo neste projeto, e por dividirem as alegrias e angústias em todas as etapas do mestrado.

Aos amigos Amanda, Caroline, Felipe, Larissa, Murilo e Renata por colaborarem na busca pelos telespectadores participantes desta pesquisa.

Ao CNPQ, pela bolsa de estudo concedida.

A todos que, de alguma forma, colaboraram para que esta dissertação se tornasse realidade, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Por trás das câmeras de um telejornal existe o trabalho de toda uma equipe; porém, o produto final chega aos telespectadores pela atuação de poucos profissionais e por meio de um veículo que é imediato e que pode amplificar detalhes. **OBJETIVO:** Verificar o efeito de uma intervenção fonoaudiológica realizada junto a telejornalistas, descrevendo os aspectos positivos e negativos na opinião dos participantes, verificando o julgamento do melhor desempenho dos telejornalistas, de acordo com a situação – pré ou pós-intervenção – na opinião de telespectadores, e se há diferença quanto ao sexo e à idade dos telespectadores, de acordo com o julgamento realizado para cada telejornalista. **MÉTODO:** Participaram deste estudo seis telejornalistas de uma emissora de televisão universitária. Inicialmente foi realizado um mapeamento do contexto ocupacional e das demandas, por meio de um questionário de avaliação ocupacional da voz falada; avaliação do desempenho, a partir de avaliação fonoaudiológica de videogravações, e observação *in loco*. Posteriormente, os sujeitos foram filmados em leitura simulada de apresentação de telejornal. Foram então submetidos a uma intervenção fonoaudiológica elaborada a partir da demanda dos sujeitos, que totalizou quatro encontros com duas horas e meia cada. Após a intervenção, os telejornalistas foram novamente filmados nas mesmas condições. O material gravado, pré e pós a intervenção, foi editado de forma aleatória e determinado por sorteio intra-sujeito. Em seguida, os telejornalistas descreveram os aspectos positivos e negativos da intervenção. Por fim, a edição foi apresentada, individualmente para 50 telespectadores adultos, a fim de que julgassem em qual situação o profissional apresentava um melhor desempenho ou se elas estavam iguais. Os resultados dessa atividade foram analisados estatisticamente. **RESULTADOS:** Os aspectos positivos relatados pelos participantes, em ordem decrescente, foram: auto-percepção e percepção dos outros; conhecimento de técnicas; treinamento de *off* e apresentação em estúdio; exercício de dicção; noção de saúde vocal; reforço de técnicas; conhecimento de aquecimento/desaquecimento vocal; e exercício de recursos não-verbais. Os aspectos negativos foram: tempo reduzido; pouco material para auto-avaliação; pouco acompanhamento individual; período de realização inadequado; e dificuldade em horário compatível entre os participantes. No julgamento dos telespectadores observou-se que, dos seis telejornalistas, quatro (T1: $p < 0,009$; T4: $p = 0,026$; T5: $p = 0,023$; e T6: $p < 0,001$) apresentaram um percentual estatisticamente significativo de preferência dos telespectadores na situação pós-intervenção. Na análise dos telespectadores considerando sexo, houve diferença significativa na avaliação de T6 a favor do sexo masculino ($p = 0,042$) e quanto à idade, na avaliação de T5, a favor dos mais jovens ($p = 0,040$). **CONCLUSÃO:** Os dois principais aspectos positivos da intervenção, relatados pelos telejornalistas participantes, foram a autopercepção e percepção de outros e o conhecimento de técnicas. O principal aspecto negativo foi o tempo reduzido da intervenção. Verificou-se, na opinião de telespectadores, que quatro dos seis telejornalistas obtiveram percentual estatisticamente significativo de preferência dos telespectadores na situação pós-intervenção, demonstrando efeito positivo da intervenção fonoaudiológica; e que não houve, para a maioria dos telejornalistas analisados, predomínio quanto a sexo ou idade no julgamento dos telespectadores.

SUMMARY

INTRODUCTION: Behind the scene of a daily news broadcast, there is the work of an entire team; however, the final product reaches the viewers through the performance of only a few individuals, by means of an immediate communication vehicle, which is capable of amplifying the smallest details. **OBJECTIVES:** To verify the effects of a speech therapy program with television journalists, describing its positive and negative aspects in the opinion of the participants, and verifying viewer judgments of each journalist's best performance according to the situation – before or after intervention – , and to verify if there are differences according to age and gender, from the judgment of each separate journalist. **METHODS:** The subjects of the study were six journalists from a university broadcasting station. Initially, an investigation of the occupational context took place, as well as an assessment of the subjects' communication needs. This process involved the filling out of an occupationally directed spoken-voice questionnaire, speech therapeutic evaluation of the subjects' performances done by analysis of individual video recordings and on-the-spot observations. Then, the subjects were video-taped while reading, pretending to be in a news broadcasting situation. They were then submitted to a speech therapy program, which was developed with basis on the subjects' needs. The program consisted of four meetings, each lasting two hours and thirty minutes. After the end of the program, the journalists were video-taped for a second time, under the same conditions as they had been previously, before the beginning of the intervention. The recorded pre and post-program material was randomly edited and the order of appearances determined by an intra-subject draw. Subsequently, the journalists described the positive and negative aspects of the intervention program. Finally, the edited material was shown to 50 adult viewers, who were asked to watch each individual's pre and post-program performance and therefore chose the best one or state if both were unchanged. **RESULTS:** The positive aspects pointed out by the subjects in decreasing order were: self-awareness and awareness of others; knowledge of specific techniques; drills of in-studio and *off* situations; clear-speech techniques; vocal health knowledge; reinforcement of previously known techniques; knowledge of vocal-warming techniques; and techniques that privilege non-verbal communication resources. The negative aspects were: time restraints; little material for self-evaluation; small individual attention; inadequate timing of the program; and participants' difficulties in managing schedules in order to find time in common to take part in the program. It was perceived that of the six subjects, four (T1: $p < 0,009$; T4: $p = 0,026$; T5: $p = 0,023$; e T6: $p < 0,001$) show a statistically significant preference for the post-intervention, in the viewers' opinion. Considering the viewers' judgment regarding gender, there was significant difference in T6's evaluation, in favor of the male gender ($p = 0,042$). Regarding age, T5's evaluation was significantly in favor of the younger journalists ($p = 0,040$). **CONCLUSION:** The two main positive aspects of the program, as related by the participants were self-awareness and awareness of others, and increased knowledge of specific techniques. The main negative aspect was that the program was the program's time restraints. Four of the six journalists had statistically significant percentages of viewer preferences of the post-intervention recording; which demonstrates the positive effects of speech therapeutic intervention; and that, for the majority of the analyzed journalists, there was no prevalence of variables of gender and age in viewer's preference.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	14
2.1 Objetivo Geral	14
2.2 Objetivos específicos	14
3 REVISÃO DA LITERATURA	15
3.1 Características do trabalho no jornalismo televisivo	15
3.2 A Fonoaudiologia e o Telejornalismo: Produção Científica	21
3.3 Intervenções fonoaudiológicas realizadas com telejornalistas	30
4 MÉTODOS	35
4.1 Seleção dos participantes	35
4.2 Caracterização da empresa	36
4.3 Procedimentos	36
4.3.1 Mapeamento do contexto ocupacional e das demandas	36
4.3.2 Coleta de amostra de leitura para análise	40
4.3.3 Intervenção fonoaudiológica	41
4.3.4 Edição do material	42
4.3.5 Avaliação do processo de intervenção pelos participantes	42
4.3.6 Julgamento dos telespectadores	43
4.4 Análise dos resultados	43
5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO	46
5.1 Análise da demanda para planejamento da intervenção	46
5.1.1 Questionário de avaliação ocupacional da voz falada – saúde geral	46
5.1.2 Questionário de avaliação ocupacional da voz falada – contexto ocupacional	47

5.1.3 Questionário de avaliação ocupacional da voz falada – percepção da voz	47
5.1.4 Questionário de avaliação ocupacional da voz falada – estrutura operacional	48
5.2 Resultados da Avaliação fonoaudiológica	48
5.2.1 Análise fonoaudiológica de desempenho profissional	48
5.2.2 Impressão geral referente à observação <i>in loco</i>	49
5.2.3 Uso de recursos vocais e não-verbais referentes à observação <i>in loco</i>	49
5.3 Descrição da Intervenção	51
5.3.1 Primeiro encontro	51
5.3.2 Segundo encontro	54
5.3.3 Terceiro encontro	56
5.3.4 Quarto encontro	58
5.4 Frequência dos telejornalistas participantes	59
6 RESULTADOS	60
7 DISCUSSÃO	66
7.1 Mapeamento do contexto ocupacional e das demandas	67
7.2 Intervenção fonoaudiológica	72
7.3 Avaliação do processo de intervenção pelos participantes	76
7.4 Avaliação dos telespectadores	80
8 CONCLUSÕES	84
9 REFERÊNCIAS	85
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	93

ANEXOS	94
Anexo 1 – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa da PUC/ SP	94
Anexo 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido aos telejornalistas	95
Anexo 3 - Avaliação ocupacional da voz falada para telejornalistas	96
Anexo 4 - Protocolo de avaliação em contexto profissional	100
Anexo 5 - Planilha representativa da forma como foi feita a apresentação dos telejornalistas (pré e pós intervenção)	102
Anexo 6 - Avaliação do processo de intervenção por parte dos telejornalistas	103
Anexo 7- Ficha de avaliação perceptivo-auditiva entregue aos telespectadores	104
Anexo 8 - Termo de consentimento livre e esclarecido aos telespectadores	105
Anexo 9 - Resposta dos telejornalistas ao questionário de avaliação ocupacional da voz falada	106
Anexo 10 - Resultados da avaliação fonoaudiológica	109
Anexo 11 – Aquecimento vocal	111
Anexo 12 – Diálogos	112
Anexo 13 – Textos	113
Anexo 14 - Sequências articulatórias	115
Anexo 15 - Lista de trava-línguas (palavras e frases)	116
Anexo 16 – Frases	118
Anexo 17 – Lista de palavras	121
Anexo 18 – Dados referentes à avaliação do processo de intervenção – pontos positivos e negativos	122
GLOSSÁRIO	123

INTRODUÇÃO

No mundo da concorrência global por empregos, surgem novas exigências em relação ao aprimoramento profissional. Comunicar-se bem e transmitir credibilidade é uma necessidade de qualquer indivíduo nos dias atuais (COTES, 2004). Esse contexto engloba, de modo mais importante, os profissionais que dependem da voz para o êxito em sua atuação profissional. Nessa categoria destacam-se os que atuam em televisão, visto ser este um dos principais veículos de comunicação, na medida em que leva grande gama de informações para muitos espectadores. Dessa forma, se o profissional conhece seu potencial e transita na sua possível flexibilidade vocal, provavelmente estará melhor capacitado e, conseqüentemente, realizará seu trabalho de forma mais adequada.

No caso dos telejornalistas, população de interesse neste estudo, a literatura refere que existe a necessidade de utilizar um padrão de voz que possa garantir a atenção por parte dos telespectadores e transmitir a notícia com credibilidade e interpretação (KYRILLOS *et al.* 2002). Para tanto, KYRILLOS *et al.* (2000) ressaltam a necessidade da instrumentalização da voz desses profissionais.

Por trás das câmeras existe um trabalho de toda uma equipe; porém, o produto final de um jornal chega aos telespectadores pela atuação de poucos profissionais, geralmente os apresentadores e os repórteres, e por meio de um veículo que é imediato e que pode amplificar detalhes. Diante disso, o êxito na transmissão da notícia depende muito da maneira que a pessoa se comunica. Essa deve ser narrada claramente, pois a forma como a frase é dita e interpretada pode expressar, ou não, os reais sentimentos e intenções do falante, criando um vínculo com o ouvinte ou fazendo-o simplesmente perder o interesse pela informação (COTES, 2004).

Assim, embora a comunicação do telejornalista seja cuidadosamente construída com objetivos específicos, necessita ser transmitida de maneira natural. O fonoaudiólogo é um dos profissionais envolvidos nesse processo, que trabalha para minimizar as interferências, a fim de garantir o sucesso da comunicação (PANICO, 2005).

Nesse sentido, publicações foram realizadas na Fonoaudiologia, com o objetivo de caracterizar o perfil desses profissionais e para se conhecer o contexto específico de trabalho dos mesmos (FERREIRA e ANDRADA E SILVA, 2002). A partir dos dados, os estudos subseqüentes avaliaram as ações que poderiam ser desenvolvidas, visando possibilitar, cada vez mais, um atendimento direcionado e refinado, segundo o estilo e as condições de produção desses profissionais, para garantir, dessa forma, um maior domínio e qualidade no trabalho, e conseqüentemente maior segurança, redução do *stress* e melhor qualidade de vida para o telejornalista.

Diante dessa realidade, e após ter realizado trabalho de conclusão de curso com a proposta de analisar a performance de apresentadores de telejornal (AZEVEDO *et al.* 2003), surgiu o interesse em aprofundar o conhecimento desse universo. Optou-se por partir do pressuposto de que, em primeiro lugar, deve-se sempre conhecer as demandas e particularidades específicas do profissional e da emissora. Assim, uma intervenção pode potencializar os recursos que o profissional possui, desconstruir ajustes estereotipados, minimizar dificuldades e fornecer estratégias que facilitem a comunicação na televisão. Ao final, o telejornalista deve internalizar e utilizar de forma natural os recursos que considera pertinente e que melhor combina com sua atuação, modificando o padrão de fala conforme o que se quer exprimir em cada situação.

Acredita-se que, dessa forma, o profissional torna-se mais confiante e expressivo perante os telespectadores, apresentando um melhor desempenho em sua atuação.

COTES (2004) acrescentou que um bom comunicador deve, simultaneamente, utilizar, durante o ato de comunicação, alguns recursos: os verbais, que são o conteúdo das palavras que falamos e os seus respectivos sons; os vocais, que são os diferentes tons, intensidades, pausas e duração dos sons, ou seja, as mudanças que ocorrem na voz enquanto falamos; e os recursos não-verbais, que transmitem uma gama de mensagens por meio dos gestos, das expressões faciais, da postura corporal, da nossa aparência física e até da roupa que usamos.

Sabe-se que o trabalho fonoaudiológico direcionado a telejornalistas visa corresponder às necessidades e expectativas do telejornalismo, garantir a atenção e o interesse por parte do telespectador, transmitir credibilidade e informar de maneira precisa (KYRILLOS *et al.* 2002). O que se quer saber é: se a intervenção fonoaudiológica for direcionada à demanda relatada pelos próprios telejornalistas, o resultado será perceptível para os telespectadores?

Sabe-se que é difícil agradar a todos os telespectadores. O público é muito diversificado, com características e costumes diferentes, além dos apresentadores que também possuem características individuais. O público é exigente, e os erros mínimos são perceptíveis quando se fala em televisão. Assim, conforme preconizam AZEVEDO e MOURA CARVALHO (2003), para atuar com telejornalistas é fundamental ouvi-los, ouvindo também os prováveis telespectadores. PANICO e FUKUSIMA (2003) corroboram afirmando que o telejornal é dirigido ao telespectador, sendo ele o “termômetro” que indica a efetividade do trabalho.

Diante da importância e contribuição que o trabalho fonoaudiológico pode oferecer dentro do telejornalismo brasileiro, espera-se que os achados desta pesquisa contribuam para respaldar a atuação junto aos

telejornalistas, por possibilitar suporte técnico, tanto vocal quanto não-verbal, para o desempenho desses profissionais.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Verificar o efeito de uma intervenção fonoaudiológica realizada junto a telejornalistas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever os aspectos positivos e negativos da intervenção, na opinião dos telejornalistas participantes.
- Verificar o julgamento do melhor desempenho dos telejornalistas, de acordo com a situação – pré ou pós-intervenção –, na opinião de telespectadores.
- Verificar se há diferença quanto ao sexo e à idade dos telespectadores, de acordo com o julgamento realizado para cada telejornalista.

3 REVISÃO DA LITERATURA ¹

Este capítulo está dividido em três partes e apresenta as principais literaturas que embasam o presente estudo. A primeira refere-se às características do trabalho no jornalismo televisivo; a segunda apresenta a produção científica da Fonoaudiologia a respeito do telejornalismo; e a última relata as intervenções fonoaudiológicas realizadas com telejornalistas. Apenas na primeira parte não foi mantida a ordem cronológica. Ressalta-se que há poucos periódicos nacionais e internacionais relacionados ao

¹ Apesar da norma utilizada fazer referência à apresentação da literatura na Introdução, pela extensão da revisão da literatura optou-se por apresentá-la em capítulo separado.

telejornalismo, com o predomínio de capítulos de livros, anais de eventos científicos, dissertações e teses.

3.1 CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO NO JORNALISMO TELEVISIVO

A televisão é, para MACIEL (1994), um veículo com vocação democrática, na qual a adesão se dá pelo convencimento e não pela imposição autoritária. O autor acredita que a confiança dos telespectadores precisa ser conquistada pela argumentação, pelo tom coloquial da voz e por uma certa busca de cumplicidade. O autor ainda acrescenta que a TV possui quatro características importantes: é massiva, por atingir milhões de telespectadores; intimista, devido à necessidade de falar como se estivesse contando os acontecimentos a um único interlocutor; seletiva, por fazer uma seleção rigorosa dos assuntos que trata para noticiar apenas o que é realmente importante; e dispersiva, visto que o telespectador divide a atenção entre a televisão e os diversos apelos comuns no dia-a-dia, como o telefone que toca, o atendimento aos filhos, o ruído da rua, o vizinho que bate à porta, entre outros.

Outra característica da televisão é a comodidade e facilidade com que a informação é absorvida pelo telespectador, visto que o único pré-requisito para se desfrutar do que é produzido pela televisão é a integridade sensorial auditiva e visual, não sendo necessário nenhum conhecimento prévio (SQUIRRA, 1990).

A televisão é um veículo de comunicação de massa que mobiliza, ao mesmo tempo, dois dos sentidos humanos mais importantes: a audição e a visão. Apresenta ainda como característica a potencialização de gestos, movimentos em associação à fala (MACIEL, 1995).

Uma das características que distingue o jornalismo televisivo do jornalismo impresso, segundo COELHO (2002), é a sua capacidade de levar ao telespectador a matéria ainda acontecendo ou acabando de acontecer.

POLITO (1998) afirmou que o interesse ou não do ouvinte pela notícia é definido nos primeiros dez segundos. Isso obriga o locutor a buscar o equilíbrio entre a informação e a emoção, a fim de conquistar esse envolvimento. O autor ressalta, ainda, que o telespectador identifica o modo e a intenção do repórter em transmitir a notícia, visto que se isto for feito de forma estereotipada e artificial não prende a atenção do público ao conteúdo da reportagem.

Os telejornais, segundo STIER e NETO (2005), mudaram a linguagem e a forma, e têm acompanhado as mudanças na sociedade. Cada emissora, cada horário e cada proposta de telejornal têm características próprias, e a comunicação perdeu a formalidade de alguns anos atrás, adaptando-se aos diferentes estilos. Os mesmos autores lembram que hoje o telespectador pode escolher o que mais lhe convém.

Para MACIEL (1995), é natural que a linguagem utilizada nos telejornais sofra mudanças, que vá se aperfeiçoando aos poucos, e que se torne mais resumida e mais clara para o telespectador, à medida que o tempo passa e que os profissionais envolvidos com o telejornalismo ampliam seus conhecimentos sobre o veículo e sobre o público a que se dirigem.

Verifica-se assim que, a cada dia, a oralidade nos meios de comunicação tem sido mais valorizada, na mesma proporção que há um aumento da exigência de qualidade dos profissionais de jornalismo que atuam nesses veículos. A habilidade e plasticidade vocal do jornalista de TV são formas de dar credibilidade à notícia, uma vez que é com o uso da voz

que se dá vida ao conteúdo noticioso, transmitindo, na sua intenção, o que muitas vezes não está escrito (TORRES, 2005).

Observa-se na literatura que inúmeros autores vêm tratando sobre alguns atributos que concorrem para o bom desempenho do telejornalista. Dentre eles, CUNHA (1990) considera que a expressão verbal do repórter deve ser determinante, firme e envolvente, não devendo a voz contradizer o conteúdo e sim caminhar a seu serviço.

As pesquisas mais recentes apontam que a narração do telejornalista deve apresentar variação de frequência e intensidade, com ênfases adequadas, sem repetição de modulação, e precisão articulatória em todas as emissões. Os aspectos psicológicos associados à transmissão da notícia, além da confiabilidade, são a agradabilidade e a naturalidade com que a comunicação é realizada. Dessa forma, os recursos selecionados deverão estar sempre aliados ao sentido do texto, promovendo assim uma maior expressividade durante o ato comunicativo, fato que garante uma melhor compreensão por parte do telespectador (PANICO, 2005).

O movimento corporal adequado no telejornalismo é, para COTES (2005), aquele que combina com a palavra; é sóbrio, discreto e preciso para o momento da narração. Voz e corpo devem transmitir o mesmo sentido, completando-se. Segundo a autora, é importante o repórter ter conhecimento de seus movimentos corporais sabendo que eles comunicam e que não devem comunicar mais do que a notícia. Tanto o excesso quanto a ausência de movimentos chamará a atenção do telespectador, e a credibilidade poderá ser reduzida nesses casos.

Conforme CRUTTENEDEN (1986), o repórter de telejornal deve evitar em sua narração a monotonia vocal. Para isso deve fazer uso da variação dos parâmetros de intensidade, frequência, velocidade, articulação, ritmo,

entre outros. Ressalta ainda que não deve exagerar nessa manipulação vocal e sim utilizá-la com equilíbrio e bom senso.

Os requisitos de um repórter de telejornal, na opinião de SQUIRRA (1990), no geral, são: garra, informação, preparação cultural, bom texto, boa apuração, boas fontes de informação. Ainda é desejável que tenha boa imagem, humildade, simplicidade, equilíbrio, qualidade de comunicação verbal e ser hábil em suas relações interpessoais.

LEITÃO (1997) entende que a palavra utilizada pelo telejornalista deve ser a mais simples possível e de fácil entendimento. O público para o qual esse profissional fala é heterogêneo e não lhe dá chance de retorno, ou seja, o telejornalista não tem como saber a reação do público diante do que ele comunicou. Para a autora, a tarefa do apresentador é anunciar ou comentar as notícias que fazem parte daquela edição e, para isso, há uma preparação prévia de texto, ao qual tem acesso com antecedência.

O que o telejornalista diz, segundo COELHO (2002), além de estar correto, e ser resultado de um trabalho minucioso de apuração, deve estar de acordo com a imagem que está sendo veiculada.

A criatividade e a sensibilidade aliados à técnica vocal possibilitam que um bom jornalista demonstre competência como repórter de TV, que não deve perder sua própria identidade vocal. Sua voz deve ser o elo entre o fato e o telespectador. O profissional deve interagir com o indivíduo, com suas características próprias e utilizando a técnica para valorizar ainda mais o seu trabalho (STIER e BEHLAU, 2001).

Segundo BEUTENMULLER (1999), a familiaridade com a notícia faz com que o locutor comunique ao telespectador uma verdade, sem hesitações. A transmissão de um texto desconhecido sempre cria

dificuldades de articulação, expressões fisionômicas, que denotam essa ignorância e que o telespectador sente, ainda que intimamente.

Os telejornalistas falam, freqüentemente, “cara a cara” com os telespectadores sobre algo que pode afetar a vida de todos. Suas vozes e suas personalidades são familiares e mesmo um distúrbio leve pode tornar-se imediatamente aparente. É comum esses profissionais estarem em estado de fadiga, visto que as entrevistas ocorrem na hora conveniente aos assuntos e não aos repórteres (STEPHEN e MITCHELL, 1994).

Para VIOLA *et al.* (2006), no telejornalismo é importante considerar que os profissionais geralmente utilizam um bom padrão de comunicação. Porém, o nível de exigência é bastante grande, pois o telespectador precisa ser “capturado”, já que está exposto a outros estímulos concorrentes. Além disso, o enquadramento televisivo amplia as atitudes e gestos corporais, de modo que é necessário um equilíbrio entre a escuta e o olhar. Assim, é fundamental que a escuta fonoaudiológica considere as seguintes questões: O jornalista expressa credibilidade? Sua emissão é clara e objetiva? Seus gestos, postura e expressões faciais estão coerentes com o conteúdo de sua fala? O *off*² (leitura) e a *passagem* (improviso), apesar de serem gêneros orais diferentes, formam uma unidade coerente? O apresentador, ao ler no *teleprompter*, expressa a naturalidade e a espontaneidade de uma conversa? Tem flexibilidade para modificar a sua comunicação de acordo com o conteúdo da mensagem que transmite? Deste modo, a escuta fonoaudiológica recai não só sobre a expressão corporal do apresentador, como sobre o uso de recursos vocais que garantam uma maior expressividade. Aqui incluem-se orientações à saúde vocal, ao uso flexível das estruturas do trato vocal que garanta expressividade na linguagem informativa.

² Todas as palavras grifadas encontram-se especificadas no glossário.

Conforme PETER *et al.* (2007), é importante que o jornalista de televisão apresente-se bem no vídeo, saiba usar a voz com determinado grau de interpretação de tal modo que faça o telespectador viver aquele momento, e saiba também monitorar os recursos não-verbais. As autoras acrescentam que a narração desses profissionais deve simular uma conversa entre amigos, pois a principal característica da televisão é a coloquialidade. Uma narração que transmita naturalidade e credibilidade. Ressaltam a impossibilidade de se ouvir novamente o que foi dito na televisão, e, assim, a importância de a mensagem ser imediatamente clara, porque o telespectador não terá uma segunda chance para completar a informação. Para conseguir este objetivo, afirmam que o profissional do telejornalismo deverá usar os recursos verbais e não-verbais de modo que estes sempre contribuam para valorizar o texto.

3.2 A FONOAUDIOLOGIA E O TELEJORNALISMO: PRODUÇÃO CIENTÍFICA

STIER (1997) avaliou, em 20 repórteres de televisão, os hábitos e cuidados vocais, tempo máximo de fonação, altura, registro vocal, intensidade, variação de intensidade, ressonância, padrão articulatório e velocidade de fala. Segundo os resultados da avaliação, as características da voz do repórter de TV são: apresentar auto-imagem vocal positiva; não praticar o aquecimento vocal; mudar a voz com o desenvolvimento da profissão, estabelecendo diferenças entre a voz pessoal e a profissional; apresentar a voz mais grave no *off*, com o registro vocal modal, com padrão articulatório indiferenciado; intensidade vocal adequada no *off*, com tendência a aumentar na situação de passagem; a modulação de intensidade caracterizada pelo padrão repetitivo no *off*, e a velocidade de fala com tendência a aumentar na passagem.

Em estudo com 40 repórteres, TORRES *et al.* (1999) concluíram que eles têm um bom nível de conhecimento a respeito do uso de sua voz como instrumento de trabalho e dos cuidados básicos que devem ter com ela. Demonstraram ainda conhecimento técnico de sua própria voz e do uso dela como instrumento de interpretação da notícia.

BERTOSSI (1999) selecionou 200 sujeitos telespectadores, os quais classificaram as vozes da televisão que, na opinião deles, mais chamavam a atenção. Os dados foram coletados em ficha, por escrito, inicialmente contando com três quesitos fechados: idade do sujeito, hábito de assistir freqüentemente televisão, e programas que geralmente assistem. Posteriormente, contou com duas perguntas abertas, sendo que a primeira questionava quais as personagens de televisão chamavam a atenção do sujeito pela voz; e a segunda abordava o porquê dessas vozes chamarem a atenção. Os resultados indicaram a preferência por vozes masculinas, com características positivas (agradável, charmosa, suave, bonita, entre outras), da categoria informativa e do gênero telejornal.

Em pesquisa realizada por CAVALCANTI (2000), os recursos vocais em locução de telejornalismo foram analisados e a autora concluiu que uma mesma notícia pode gerar efeitos diferentes num público ouvinte, dependendo das escolhas feitas pelo telejornalista, tanto dos recursos fônicos empregados quanto dos itens lexicais selecionados para serem enfatizados.

MERCATELLI *et al.* (2000) avaliaram a voz de 22 repórteres de televisão e realizaram uma análise comparativa da comunicação em emissão espontânea e em emissão profissional. Concluíram que há diferenças no padrão de emissão nessas duas situações; há diferença significativa entre os sexos quanto ao tipo de emissão e o tempo de profissão; o tempo profissional interfere em alguns parâmetros do padrão vocal; os itens relacionados às características da voz mantiveram-se

praticamente constantes, o que demonstra o pouco conhecimento que os profissionais têm a respeito dos mesmos; as características não-verbais, como modulação, ênfase, pontuação e expressão facial, sofreram maiores alterações, uma vez que são características mais popularmente conhecidas e consideradas como importantes na emissão profissional; os parâmetros com melhora mais considerável foram modulação e ênfase; e há uma preocupação por parte dos repórteres em alterar seu padrão vocal, a fim de tornar sua fala mais precisa.

COTES (2000) analisou descritivamente os recursos não-verbais e vocais utilizados por oito apresentadores de telejornalismo, durante a narração de um mesmo tema. Os recursos não-verbais analisados foram: o espaço mantido pelas câmeras de televisão em relação ao apresentador, as expressões faciais, a postura e os gestos. Dentre os vocais destacaram-se: a curva entoacional, a intensidade, a pausa, e a duração. Os resultados apontaram para a presença da relação entre gesto e entoação, favorecendo assim a expressividade, criando a necessidade de uma reavaliação no trabalho fonoaudiológico junto aos profissionais de telejornalismo, por meio de uma análise complementar, ou seja, uma nova forma de avaliar e trabalhar a inter-relação corpo/voz.

FERREIRA *et al.* (2000) avaliaram acusticamente, por meio do programa Multi-Speech da Kay Elemetrics, o recurso de ênfase utilizado por um apresentador de telejornal. Os resultados evidenciaram que os recursos de ênfase presentes em todas as notícias estiveram, predominantemente, relacionados à ocorrência de pausa silente e perceptível e maior duração na extensão de tempo gasto na articulação. Para as autoras, a narração de telejornalismo é uma arte com suas técnicas específicas e a análise acústica se demonstrou um método valioso de investigação da ênfase.

BEHLAU e STIER (2001) compararam as características vocais de um grupo de 20 repórteres de televisão nas situações de uso profissional e de fala coloquial. Os resultados demonstraram que a voz tende a mudar com

o desenvolvimento da profissão, estabelecendo diferenças entre a voz pessoal e a profissional; o registro de voz característico é o modal e o padrão articulatório que caracteriza esse grupo, o indiferenciado; na situação em *off* o repórter apresenta a voz mais grave, com intensidade vocal adequada, padrão de intensidade repetitivo e velocidade de fala normal; e na situação de *passagem* o repórter apresenta voz mais aguda, tendência a aumento de intensidade e velocidade de fala mais rápida.

COTES e FERREIRA (2001) realizaram uma análise descritiva dos recursos vocais e gestuais de um apresentador de telejornal. Os resultados apontaram para uma relação existente entre a mudança de entoação ocorrendo de maneira conjunta ao gesto, seja meneio de cabeça ou movimento das mãos. Concluíram que voz e gesto, apesar de passíveis de análise, em áreas independentes, atuam concomitantemente, completando-se.

Ao assessorar repórteres e apresentadores, COTES e FERREIRA (2002) observaram grande preocupação desses profissionais em relação à sua própria performance e conhecimento de que as áreas verbal (conteúdo semântico das palavras), vocal (frequência, intensidade, pausa e duração do som) e não-verbal (gestos, expressões faciais, mudanças de postura e o espaço da câmera de TV em diferentes enquadramentos) caminham lado a lado. Entretanto, as autoras explicam que muitas vezes esses profissionais não sabem qual dessas áreas poderia se manifestar de forma mais adequada, tornando-os mais expressivos.

Os achados de AZEVEDO e CARVALHO (2003), ao realizarem a análise perceptivo-auditiva de 16 apresentadores de telejornal e compararem com a opinião do público, demonstraram que as vozes julgadas como desagradáveis foram as classificadas pelas fonoaudiólogas com os parâmetros de *loudness* forte, velocidade ou muito rápida ou muito lenta, pouca variação de ritmo, e pausas e ênfases inadequadas ao contexto.

Em outro estudo, MESQUITA *et al.* (2003) avaliaram, por meio de um questionário, o conhecimento de telejornalistas sobre a produção vocal, cuidados com a voz e de como a voz pode ser aprimorada pelo trabalho fonoaudiológico dentro da emissora de televisão. O questionário foi composto por 29 perguntas que abordaram os temas relacionados à produção da voz, higiene vocal, conhecimento dos telejornalistas sobre a atuação e importância da Fonoaudiologia dentro da emissora. A análise desses questionários situou a necessidade de uma atuação fonoaudiológica no telejornalismo e os resultados possibilitaram destacar os aspectos de saúde vocal e técnica vocal que necessitam ser trabalhados para o aperfeiçoamento da voz desses profissionais.

GAMA (2003) avaliou aspectos prosódicos e do controle motor da fala de 18 repórteres e apresentadores, por meio de medidas acústicas e espectrográficas de emissões espontâneas e profissionais de repórteres e apresentadores de jornal, utilizando os seguintes dados acústicos: frequência fundamental (Hz), frequência fundamental máxima (Hz), frequência fundamental mínima (Hz) e extensão fonatória em semitons. Na avaliação espectrográfica realizaram uma análise visual do traçado, definindo aspectos temporais da emissão e da prosódia. Para tanto, foram comparados os resultados dos participantes, utilizando para a análise acústica o programa Multi-Speech por meio da vogal [a] e leitura de frase. Para a análise espectrográfica, utilizaram o GRAM 5.1 por meio da gravação de um *off* lido de duas formas distintas: espontânea e profissional. Os principais resultados evidenciaram a presença de uma frequência fundamental média mais grave, no gênero masculino e feminino, e a presença de maior modulação, precisão articulatória, ênfase, intensidade, pausa e prolongamento de vogal nas emissões profissionais. Com tais resultados, concluíram que a fala encadeada carrega muito mais informação do que a análise de uma única vogal prolongada.

No trabalho de DIAFÉRIA *et al.* (2003) foram analisadas, perceptivo-auditivamente, as amostras de fala de repórteres e apresentadores de telejornais de diversas redes de televisão. Os dados do estudo mostraram que os parâmetros que mais diferenciaram as notícias narradas foram *pitch* e *loudness*, que devem se constituir num dos focos da intervenção fonoaudiológica nesses profissionais, uma vez que precisam manter a uniformidade dos parâmetros vocais na transmissão da notícia.

O estudo de COELHO e VASCONCELLOS (2003) investigou a influência da tarefa de falar ao vivo sobre a frequência cardíaca, os níveis de cortisol e a voz de jornalistas que trabalham em televisão. Foram obtidas medidas objetivas de frequência cardíaca, de cortisol e de voz, durante uma situação real de atividade ocupacional, por meio do monitoramento no período em que os repórteres e apresentadores se utilizavam da fala ao vivo e também no momento que antecedeu e sucedeu tal período. Os resultados revelaram que há mobilização fisiológica, indicativa de *stress*, a partir da tarefa de falar ao vivo, a qual é expressa pela alteração significativa dos valores dos parâmetros investigados. Os resultados também indicaram que essas alterações acontecem de forma diferente, de acordo com a situação de trabalho dos sujeitos, isto é, a atividade cardíaca e vocal de repórteres no link é mais intensa do que a de apresentadores.

SANTOS *et al.* (2004) investigaram o conhecimento de 45 alunos de jornalismo sobre suas vozes, por meio de desenhos e depoimentos escritos sobre elas. As conclusões apontaram a presença da autocrítica quanto aos diversos parâmetros da voz e a importância da atuação fonoaudiológica, junto aos alunos de jornalismo, para favorecer um maior conhecimento e cuidados com a voz.

COELHO *et al.* (2004) verificaram a ocorrência de fatores de interferência na performance de repórteres em *link* e os classificaram de acordo com seu grau de controle sobre tais fatores. Observaram que, do

total de fatores que interferem no bom desempenho do repórter na situação de *link*, apenas 45% estão sob seu controle (conhecimento do assunto, estado emocional, concentração e descanso) e 55% estão fora de seu controle (adversidades relacionadas ao entrevistado ou ao ambiente, pressões da coordenadoria técnica e dificuldades com o retorno de áudio). Dessa forma, concluíram que a expressividade oral, na situação de *link* (ao vivo), é duplamente influenciada, sendo o peso dos fatores que estão fora do controle do repórter ainda maior do que aqueles que ele pode controlar. Isso implica que o êxito da abordagem fonoaudiológica depende da consideração de tais fatores, para que seja possível um efetivo manejo da comunicação oral, pelo repórter, diante de um quadro tão adverso.

SANCHES *et al.* (2004) verificaram as principais dificuldades de 13 profissionais de telejornal, observando também o nível de conscientização dos participantes em relação aos aspectos levantados. A avaliação fonoaudiológica completa de parâmetros da voz e de funções orais foi baseada na proposta de avaliação sugerida por KYRILLOS (2002). A análise dos resultados demonstrou que os telejornalistas apresentam meneios de cabeça e gestos manuais desvinculados da interpretação do texto falado; apresentam ênfases com presença de alongamento de vogais e deslocamento da sílaba tônica e elevação de *pitch* nos finais de frase. Para as autoras, os participantes não têm consciência dos parâmetros avaliados, fato que evidencia a importância de orientação junto a esses profissionais.

PANICO *et al.* (2004) investigaram se existe uma rotina envolvida na elaboração de *links* e quais são as características das tarefas envolvidas na mesma. Para isso, aplicaram em 139 repórteres um protocolo com questões que abordaram as formas de preparação, as técnicas mais utilizadas, controle do tempo, a interferência do retorno e a utilização de técnicas de relaxamento. Por fim, foi feita uma auto-avaliação do desempenho para essa tarefa específica. Paralelamente foi entregue um protocolo para os gerentes de jornalismo, a fim de que também avaliassem o desempenho dos

repórteres. Os resultados apontaram que os repórteres estabelecem uma rotina para a elaboração dos *links*, que envolvem técnicas de memorização e reserva de informações. As técnicas utilizadas pelos repórteres, avaliados por seus gerentes como alta performance, foram consideradas as mais adequadas e são descritas com sugestões de atividades fonoaudiológicas facilitadoras para o aprimoramento do desempenho desses profissionais.

TORRES *et al.* (2004) submeteram 27 jornalistas experientes a leitura de dois textos jornalísticos de conteúdos diferentes, com duas intenções distintas: a de transmitir uma nota editorial e uma nota esportiva. As leituras foram gravadas e depois ouvidas por 26 fonoaudiólogas especialistas em voz, que verificaram a intenção do repórter em transmitir as duas notas, independente do conteúdo semântico. A partir dos resultados dessas avaliações, foi feita a identificação da comunicação do repórter em relação ao conteúdo semântico da notícia, bem como o estudo dos parâmetros acústicos selecionados, no intuito de levantar possíveis variáveis utilizadas pelos repórteres na emissão dos dois textos, que justificasse a identificação pelos fonoaudiólogos. Os resultados mostraram que a identificação da intenção de transmissão de notícia esportiva e de nota editorial é possível (84%), independentemente do conteúdo semântico. Houve uma tendência dos repórteres elevarem a frequência fundamental na intenção de transmitir a nota de esporte. As autoras observaram ainda que a transmissão da notícia de conteúdo esportivo leva o repórter a falar mais rápido, mesmo quando a intenção desse profissional é a de produzir voz de nota editorial.

PINTO *et al.* (2004) relacionaram os sintomas vocais relatados por 16 estudantes de um curso de jornalismo, com os dados encontrados nas avaliações fonoaudiológica e otorrinolaringológica. Para isso, aplicaram um questionário relacionado aos sintomas vocais após o uso da voz; realizaram avaliação perceptivo-auditiva da voz, e análise vocal utilizando o programa computadorizado Voxmetria. Em relação aos sintomas relatados, 69% referiram secura na garganta; 50% falta de ar quando falam muito; 44%

cansaço ao falar; 19%, rouquidão e 19% referiram dor ou ardor na garganta. Após a avaliação vocal, detectaram que 37% apresentaram rouquidão e 31%, sopro; 62%, articulação normal, enquanto 37%, travada. Quanto ao tempo de fonação, a média foi de dez segundos para vogais; o coeficiente s/z, com resultado sugestivo de falta de coaptação glótica, foi registrado em 25% e hiperconstrição em 19%. Na avaliação computadorizada verificou-se *jitter* com média de 3% e *shimmer* com 13,6%. As frequências fundamentais apresentaram média de 109,39 nos homens e 197,29 nas mulheres. Dos estudantes encaminhados para a videolaringoscopia, 33,3% apresentaram disfonia funcional e 50%, organofuncional.

COELHO (2005) descreveu as características típicas da narração de repórteres e apresentadores ao vivo e investigou quais parâmetros da comunicação sofreram maior interferência pelo *stress* nesta situação. Observou que repórteres e apresentadores têm padrão de emissão ao vivo similar apenas no que diz respeito aos parâmetros convencionais de qualidade vocal, padrão ressonantal, *loudness*, padrão articulatório e parâmetros psicodinâmicos. Repórteres no *link* apresentam mais alterações na voz, fala e nos parâmetros interpretativos do que os apresentadores; e o *stress* da situação ao vivo tende a atingir mais expressivamente a voz e a fala do repórter do que a do apresentador.

PANICO (2005) investigou a identificação de diferentes estilos de emissoras do telejornalismo classificados em neutro, sério e descontraído, e seus correlatos acústicos. Concluiu que os ouvintes são capazes de identificar, por meio de pista auditiva, diferentes estilos de emissão, que podem ser caracterizados por ajustes acústicos específicos, importantes para a correta identificação do ouvinte. Duas dimensões foram traçadas para cada estilo, algumas com e outras sem correlação significativa com medidas acústicas. A autora refere que a partir desses resultados, discutem-se

possibilidades de intervenção com indivíduos que usam a comunicação profissionalmente.

AZEVEDO *et al.* (2005), em pesquisa com 16 apresentadores de telejornal, concluíram que velocidade lenta ou rápida demais, forte intensidade de fala e monotonia foram as características mais referidas por 43 ouvintes como desagradáveis para a narração em telejornal. Ressaltam, assim, a importância do trabalho fonoaudiológico com esses profissionais, a fim de possibilitar o uso correto de recursos que minimizem as interferências no processo comunicativo.

3.3 INTERVENÇÕES FONOAUDIOLÓGICAS REALIZADAS COM TELEJORNALISTAS

FERREIRA e RICCI (1999) realizaram um estudo de caso com um profissional de telejornalismo que atua em *off*. Após avaliação, constataram que os objetivos a serem atingidos diziam respeito ao emprego de técnicas vocais e de dicção. O trabalho foi realizado semanalmente durante 45 minutos, totalizando dez sessões. As técnicas aplicadas foram: percepção de esquema corporal vocal, relaxamento, adequação da modalidade respiratória para a fonação, coordenação da respiração de pontuação gramatical e expressiva, expressividade adequada, aquecimento e desaquecimento vocal e orientação de higiene vocal. Após o trabalho fonoaudiológico observou-se voz e dicção adequada para o trabalho com *off* na TV, expressão harmoniosa e adequada à notícia em cena, ressonância equilibrada e coordenação fonorespiratória.

GIROTO e MARTINS (2000) apresentaram uma proposta de treino formal da voz profissional falada, direcionada a estudantes de jornalismo. Elaboraram e aplicaram um questionário sobre os diferentes aspectos da

voz. Com a análise desses dados, somados à literatura, definiram que os aspectos a serem abordados são: avaliação otorrinolaringológica; aplicação de anamnese específica; análise perceptivo-auditiva; programa de educação vocal, incluindo informações sobre anatomofisiologia da fonoarticulação e conscientização quanto ao uso adequado da voz; e treino formal, incluindo o registro audiovisual da emissão e utilização de estúdio de rádio e TV para o desenvolvimento das estratégias.

CASSOL (2002) submeteu oito repórteres de televisão a um programa de treinamento vocal em grupo. Os participantes responderam a um questionário e foram realizadas avaliações perceptivo-auditivas da voz, pré e pós o programa de treinamento, realizado uma vez por semana, durante um período de oito meses. O enfoque foi direcionado à orientação vocal e mudanças dos parâmetros observados como inadequados para a locução no telejornalismo, a saber: qualidade vocal, respiração, articulação, ritmo de fala, intensidade, ressonância, *pitch* e ataque vocal. As autoras observaram que, pós-intervenção fonoaudiológica, os profissionais apresentaram melhora na avaliação final, em todos os parâmetros trabalhados.

SERVILHA (2002) realizou um estudo com alunos do terceiro ano do curso de jornalismo, no qual aplicou um questionário sobre identificação, ambiente de trabalho, histórico de saúde, hábitos vocais e consciência vocal; triagem individual do sistema sensoriomotor oral; videograções em estúdio; e avaliação da comunicação de cada participante quanto aos aspectos de fala, postura, respiração e voz. Tal oficina, desenvolvida com 21 participantes em dez encontros, com duração de uma hora e meia cada um, e periodicidade semanal, abordou: higiene vocal; conhecimento corporal e vocal; postura corporal e relaxamento de ombros, pescoço e região laríngea; colocação e controle do tipo respiratório costo-diafragmático; equilíbrio de ressonância e projeção vocal; flexibilidade vocal e ênfase; articulação; *loudness* e coordenação pneumofonoarticulatória. Ao final, os participantes preencheram um questionário avaliando o trabalho realizado e a si próprios, e foram regravados para análise comparativa. Os resultados evidenciaram

progressos em todos os participantes, cada um em um nível, movendo-os do padrão corporal e vocal inicial para um outro mais equilibrado e eficaz. Os alunos relataram que a oficina deu-lhes a oportunidade de conhecer a própria voz e, com isso, de modificá-la quanto à velocidade excessiva, ao controle da respiração, de flexionar a voz de modo mais ajustado às situações. Assinalaram que o tremor diante da câmera foi contornado e que a postura e a segurança melhoraram, inclusive quando tinham que realizar locução em programa de rádio.

TEIXEIRA *et al.* (2003) verificaram o aproveitamento de 31 alunos de um curso de jornalismo, após a realização de um programa de orientação e treinamento vocal. Realizaram palestras sobre a fisiologia do aparelho fonador e cuidados com a voz. No treinamento vocal os alunos receberam orientações quanto à articulação, aquecimento e desaquecimento vocal. Posteriormente foi aplicado um questionário sobre o aproveitamento do trabalho realizado. Os resultados apontaram que os alunos de jornalismo, após receberem orientações vocais, demonstraram ter noção quanto aos hábitos benéficos ou nocivos à voz, julgando importante o trabalho.

PETER e SOUTO (2004) realizaram avaliações perceptivo-auditivas dos recursos vocais utilizados por 15 telejornalistas, pré e pós-intervenção fonoaudiológica. Utilizaram a audiogravação da leitura de um texto padrão e posteriormente realizaram a transcrição literal das narrações. Após sete meses de intervenção fonoaudiológica verificaram que o grupo de telejornalistas estudado passou a fazer uso dos recursos vocais de modo mais adequado, tornando mais fáceis a compreensão e a absorção da notícia veiculada, contribuindo para que os diversos telejornais da emissora se tornassem mais agradáveis ao público.

STIER e FEIJÓ (2004) compararam, em 13 repórteres de televisão, os parâmetros vocais iniciais e após um mês da realização de uma série de exercícios vocais. Os resultados obtidos foram: aumento do número de

harmônicos e intensidade da voz em todos os casos avaliados, diminuição da frequência fundamental para 28,57% e manutenção da mesma frequência para 14,28%. Observaram ainda mudanças imediatas pré e pós-exercícios e que os próprios sujeitos referiram tanto a percepção de diferença da qualidade da voz quanto a diminuição de esforço à fonação.

CAMARGO e PENTEADO (2004) identificaram o impacto do trabalho fonoaudiológico em oficina de voz, na perspectiva de dois repórteres e uma apresentadora de telejornal. Concluíram que tal oficina proporcionou um impacto positivo, não somente na prática profissional dos sujeitos, como também na qualidade de vida, melhorando a auto-estima, promovendo a saúde geral e vocal, além de mudanças qualitativas observadas no formato do telejornal, superando as expectativas específicas do trabalho fonoaudiológico.

VIEIRA (2005), ao avaliar, em estagiários de jornalismo de uma emissora de televisão, o efeito de uma intervenção fonoaudiológica breve, na qual abordou aspectos da comunicação verbal e não-verbal, além de aquecimento vocal, concluiu que, ao comparar o desempenho dos dois grupos, experimental e controle, a orientação fonoaudiológica breve e aquecimento apontaram efeito positivo no grupo experimental. Os parâmetros que apresentaram melhor desempenho após a intervenção foram os relacionados à expressão corporal.

STIER e FEIJÓ (2005) gravaram, no programa GRAM-5.7, as vozes de 13 telejornalistas pré e pós aquecimento vocal realizado uma vez por semana durante um mês. A seqüência dos exercícios propostos foi: relaxamento e alongamento de ombros e pescoço, rotação de língua (dez repetições para cada lado), movimentos exagerados da musculatura facial por 30 segundos, técnica do “B” prolongado (30 repetições), técnica de vibração com variações de frequência e volume (seis repetições), sons nasais associados a movimentos de mastigação (seis repetições), e técnica

de firmeza glótica (seis repetições). As autoras concluíram que a série de aquecimento vocal promoveu, em todos os participantes, uma percepção de melhor qualidade vocal e de maior conforto e facilidade de emissão. Observaram que a maior parte dos sujeitos apresentou modificação na frequência fundamental e aumento do número de harmônicos.

4 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo e prospectivo, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, sob o parecer nº 0006/2005 (Anexo 1). Este capítulo foi dividido em quatro subitens: o primeiro explicita a seleção dos participantes; o segundo apresenta a caracterização da emissora onde a pesquisa ocorreu; o terceiro, dividido em seis partes, descreve os procedimentos utilizados para coleta; e o quarto, explicita como foi realizada a análise dos dados.

4.1 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Inicialmente, a direção de uma emissora de televisão universitária, situada no município de São Paulo, foi contatada e, em reunião, a pesquisa e os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do estudo foram apresentados à diretora responsável e aos telejornalistas atuantes durante o período do estudo. Todos os telejornalistas aprovaram e aceitaram participar da pesquisa, totalizando seis participantes, com idade entre 21 e 32 anos (média de 25,5 anos), sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino, e com carga horária de trabalho diária média de cinco horas e semanal de

29 horas. Destes, dois são estudantes em fase final de graduação em jornalismo; dois são jornalistas formados, um há um ano e outro há seis; e dois são formados em comunicação multimeios há dois e quatro anos, respectivamente. Na ocasião do estudo, na emissora universitária participante, os telejornalistas acumulavam a função de repórter e apresentador. Por motivos éticos, a identificação dos telejornalistas foi feita por meio da letra T seguida de números (1 a 6), e antes do início da pesquisa todos leram o termo de esclarecimento e assinaram o respectivo consentimento (Anexo 2).

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

A emissora, na qual a pesquisa foi realizada, foi criada em 1993 e é o núcleo de produção televisiva e videográfica de uma universidade de São Paulo. Atualmente tem 17 funcionários fixos e mais de 60 colaboradores regulares, entre os quais encontram-se professores, estudantes em fase final de graduação e profissionais gabaritados. Transmitem regularmente programas na TV a cabo, que são também comercializados e distribuídos no sistema Home-Vídeo, fato que possibilita o acesso do material produzido em videotecas de escolas secundárias, faculdades e centros culturais do País e do exterior.

A proposta dessa rede de TV é coordenar e potencializar os recursos humanos e materiais da universidade a que pertence, capacitando a instituição a produzir programas de televisão e vídeo de caráter educativo, cultural e comunitário, para multiplicar e difundir o conhecimento gerado no âmbito acadêmico.

4.3 PROCEDIMENTOS

Este subitem está dividido em seis partes: a primeira descreve o mapeamento do contexto ocupacional e das demandas; a segunda refere-se à coleta de amostra de leitura para análise; a terceira apresenta a intervenção fonoaudiológica; a quarta descreve a edição do material; a quinta, a avaliação do processo de intervenção pelos participantes; e a última, o julgamento dos telespectadores.

4.3.1 Mapeamento do contexto ocupacional e das demandas

Inicialmente foi mapeado o contexto de trabalho e as demandas específicas do grupo, visto que podem apresentar características específicas. Esse mapeamento contribuiu para o planejamento da intervenção e foi executado em duas etapas. Na primeira foi realizada a avaliação ocupacional da voz falada, na qual foi entregue a cada telejornalista um questionário adaptado de ANTUNES, 2005 (Anexo 3) contendo questões fechadas, com solicitação de descrição ao final de algumas delas, elaborado com a finalidade de se definir a demanda e levantar dados do histórico ocupacional. A segunda etapa foi a avaliação fonoaudiológica. Dessa etapa fizeram parte duas análises:

1- Análise fonoaudiológica de desempenho profissional

Foi editada pela própria emissora uma fita contendo a gravação de uma *passagem* de cada participante. Essas gravações foram analisadas por uma juíza - fonoaudióloga especialista em voz e que trabalha diretamente com o treinamento e a habilitação de telejornalistas há 17 anos. Essa avaliação considerou os parâmetros mais mencionados na literatura da área, ou seja, postura, gestos (braços, mãos e cabeça), expressão facial e articulação (analisados perceptivo-visualmente) e qualidade vocal, *pitch*,

loudness, velocidade de fala, pausas, ênfases e modulação (analisados perceptivo-auditivamente).

A avaliadora deveria pontuar, em protocolo específico (Anexo 4), cada um dos itens com uma nota de 0 a 7 e em seguida justificar sua nota. Nessa marcação, o extremo esquerdo (0) significava inadequação, e o extremo direito (7), presença completa de adequação quanto ao texto apresentado e quanto à função desempenhada como telejornalista, considerando a proposta de KYRILLOS (2004).

Análise visual:

- Postura: tronco ereto, ombros relaxados e o queixo levemente abaixado. Esta posição permite a livre movimentação da laringe e a adequada projeção vocal.
- Gestos: devem ser variados, enfatizando o conteúdo da oração. O movimento de mão coincide com o pensamento e com o sentimento do falante. Esse deve ser feito concomitantemente ou um pouco antes da palavra, nunca depois, e geralmente acompanhado da ênfase da frase. Após o gesto, a mão deve voltar para a posição de repouso. Os gestos repetitivos e muito rápidos devem ser evitados.
- Expressão facial: deve revelar concentração, interesse e estado emocional. Os movimentos faciais são responsáveis por identificar, completar e qualificar o conteúdo da informação. O contato visual é a primeira interação com o telespectador. A expressão facial é demonstrada por movimentos de sobrancelha, olhos e lábios, e geralmente acompanham as ênfases e inflexões da fala. Não pode haver no rosto do apresentador a face congelada ou inexpressiva, movimentos de sobrancelhas rápidos e repetitivos.
- Articulação: precisa ser bem definida e deve transmitir interesse de comunicação, clareza de idéias e confiabilidade. Uma articulação distorcida, muito rápida ou imprecisa, causa interferências na

mensagem, não prende a atenção de quem ouve e dificulta a compreensão da mensagem.

Análise auditiva:

- Qualidade vocal: a voz deve ser neutra, ou seja, sem alterações na qualidade que chamem a atenção ou que prejudiquem a transmissão da mensagem, como áspera, soprosa, entre outras.
- *Pitch*: deve ser adequado ao sexo e à idade do falante. A frequência da voz também deve estar adequada ao conteúdo da fala. Uma voz aguda demais se torna desconfortável na televisão, da mesma forma que a grave demais também dificulta a compreensão dos sons da fala, que podem ficar inaudíveis.
- Velocidade de fala: está diretamente associada à articulação dos sons da fala e deve estar adequada ao contexto da notícia, sem o uso de seus extremos. Uma velocidade de fala exageradamente rápida não permite a definição de todos os sons das palavras. A velocidade excessivamente lenta é monótona e também prejudica a atenção do telespectador.
- Ênfase: é o grifo da palavra ou frase e pode ser expressa por modificações da intensidade da voz, da frequência, da articulação mais precisa, da velocidade mais lenta e até mesmo da pausa. Ela tem a função de destacar a informação mais importante da frase.
- Modulação: Pode ser ascendente, descendente ou com variações. É preciso observar se existe um padrão de repetição da modulação e se esse tem relação com o discurso

2- Observação *in loco*:

A pesquisadora acompanhou cada telejornalista, durante dois períodos, em suas atividades profissionais na redação, externa e estúdio, para levantamento de dados sobre o ambiente de trabalho, pontos relevantes em sua atuação, uso de recursos vocais e corporais, a fim de conhecer as dificuldades vivenciadas por eles no dia-a-dia. Os dados foram descritos em ficha individual, para cada telejornalista, para posterior utilização na elaboração da intervenção.

4.3.2 Coleta de amostra de leitura para análise

No primeiro momento, os seis telejornalistas foram convocados para participar da primeira filmagem, individualmente, e em horário pré-estabelecido. Como todos os telejornalistas trabalhavam como repórteres e apresentadores, foi escolhida a gravação em um estúdio silente da emissora para uniformizá-la com o mesmo ambiente, fundo e equipamentos, enquadramento da cintura para cima e narração de um mesmo texto. Todos receberam a instrução para ficar de pé, devido ser essa a postura adotada pela emissora, e apresentar os textos que iriam aparecer no *teleprompter* (TP), como se estivessem em situação de apresentação real. Todos os participantes tiveram acesso ao texto impresso, não escrito por eles, 15 minutos antes da gravação.

Os equipamentos de som e imagem utilizados nesse estúdio foram: microfone de lapela multidirecional, *teleprompter*, câmera robô com foco fixo e fita de registro profissional analógico do tipo *Betacam*. Essas imagens foram posteriormente copiadas para fita de videocassete, processo este que não implicou em perda de qualidade do registro das imagens e do áudio. Esses equipamentos foram manuseados pelos próprios profissionais da emissora.

O texto padrão utilizado para leitura seguiu proposta de PANICO (2005), visto que esse foi normatizado de acordo com o estilo sério, em

pesquisa realizada com telespectadores. Tal texto foi escolhido por seu estilo ser similar aos usados na emissora.

Texto: Justiça marca interrogatório do casal que agrediu os filhos em Campinas (13/02/2003).

“A justiça marcou para o dia 26 o interrogatório do casal que agrediu os filhos no começo do mês em Campinas. O pai, Alexandre Alvarenga, jogou o filho, de um ano, no pára-brisa de um carro. E depois bateu a cabeça da filha numa árvore. O bebê ainda tem dificuldade motora do lado direito do corpo. Hoje, ele foi submetido ao raio X. Os médicos vão avaliar se é necessária cirurgia para corrigir uma fratura na face – na região dos olhos”.

Após a primeira gravação das imagens, denominada de pré-intervenção, os seis componentes do grupo foram submetidos à intervenção fonoaudiológica descrita no capítulo 5. Ao final da intervenção, os jornalistas retornaram para o estúdio e gravaram o mesmo texto, sob as mesmas condições ambientais e equipamentos utilizados na gravação pré-intervenção. Essa fase foi denominada de pós-intervenção, para posterior comparação dos dois momentos, pré e pós-intervenção.

4.3.3 Intervenção Fonoaudiológica

Os telejornalistas participaram de uma intervenção realizada com o grupo uma vez por semana, com duração de duas horas e meia cada, durante um mês, totalizando assim quatro encontros, com uma carga horária de dez horas. Todas as oficinas foram ministradas pela mesma fonoaudióloga. A elaboração dessa oficina foi subsidiada pela resposta ao questionário e pelo mapeamento do contexto ocupacional da demanda. Buscou-se na literatura sugestões para esse trabalho, com o objetivo de aprimorar a atuação profissional dos principais aspectos levantados pelos

telejornalistas e pelas observações e avaliações fonoaudiológicas realizadas. A análise da demanda para planejamento da intervenção, os resultados da avaliação fonoaudiológica, a descrição da intervenção e a frequência dos telejornalistas participantes estão descritos no capítulo 5.

4.3.4 Edição do material

Posteriormente, as amostras de leitura do texto, gravadas pré e pós intervenção fonoaudiológica, foram digitalizadas em computador *Pentium IV* 3.0, com sistema operacional *Windows* 2000 profissional, programa de captura de imagens *Adobe Premiere* e placa de vídeo *Pinnacle DV 500 DVD*.

Para o material editado, foram selecionados somente os momentos onde cada telejornalista realizou a narração, o que totalizou para cada profissional um tempo específico, assim registrado: A1= 59 segundos; A2= 56 segundos; A3= 51 segundos; A4= 52 segundos; A5= 56 segundos; A6= 51 segundos. O total resultou em cinco minutos e 41 segundos de gravação.

Para auxiliar posterior análise, as amostras foram organizadas, separadamente, considerando o material de cada telejornalista. Em cada arquivo foi identificado o número do telejornalista. As gravações pré e pós intervenção foram identificadas como amostra A ou amostra B em ordem aleatória, intra-sujeito e determinada por sorteio. As imagens ficaram organizadas como especificadas no anexo 5.

4.3.5 Avaliação do processo de intervenção pelos participantes

Ao final do processo de intervenção foi entregue uma ficha de avaliação (Anexo 6) para os telejornalistas participantes, a fim de que eles

descrevessem, de forma livre, os aspectos positivos e negativos da intervenção fonoaudiológica.

4.3.6 Julgamento dos telespectadores

As amostras de leitura editadas foram distribuídas, individualmente, para 50 telespectadores adultos, número este calculado por um estatístico. A emissora na qual foi realizada esta pesquisa não possui um estudo de quais as características do público que os assiste e, dessa forma, foram considerados os dados fornecidos por uma outra emissora, que pertence a uma das instituições integrantes do canal que veicula o programa da emissora aqui pesquisada. Assim, o grupo de juízes considerados como possíveis telespectadores foi composto por estudantes de graduação, professores universitários, pesquisadores e indivíduos com outras ocupações. Esses sujeitos, no papel de avaliadores, analisaram as amostras de cada telejornalista e registraram em ficha específica (Anexo 7) em qual situação (A ou B) o profissional apresentava um melhor desempenho ou se elas estavam iguais. Como descrito na parte 4, a apresentação das imagens aos avaliadores foi feita de forma cega, ou seja, sem o conhecimento de quais eram as situações pré ou pós-intervenção fonoaudiológica. Todos os telespectadores participantes receberam uma carta de esclarecimento sobre o estudo (Anexo 8), que foi lida e assinada antes de sua participação.

4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos aspectos positivos e negativos da intervenção, na opinião dos telejornalistas, foi realizada de forma descritiva, na qual inicialmente foram categorizados considerando as respostas semelhantes, apresentando a distribuição numérica desses aspectos.

Em um segundo momento foi caracterizada, de forma numérica e percentual, a amostra de telespectadores, de acordo com as variáveis ocupação, sexo e idade.

Quanto ao julgamento dos telespectadores, primeiramente foi mostrada a distribuição proporcional entre as respostas, de acordo com a melhor situação apontada pelos juízes – pré ou pós-intervenção. Em seguida, foram mostrados os p-valores dessa comparação, para responder ao objetivo deste trabalho. Para isso, foi utilizado o teste de igualdade de duas proporções. Esse é um teste não-paramétrico que compara se a proporção de duas determinadas variáveis e/ou seus níveis são estatisticamente significantes.

Para a distribuição numérica e percentual do sexo dos telespectadores, de acordo com o julgamento realizado para cada telejornalista, foi utilizado o teste de igualdade de duas proporções.

Quanto à distribuição numérica e percentual da idade dos telespectadores, de acordo com o julgamento realizado para cada telejornalista, foi utilizado o teste Anova – *Analysis of variance*, que é um teste paramétrico usual, que realiza uma comparação de médias utilizando a variância.

Para a análise de todos os resultados deste trabalho foi definido um nível de significância de 0,05 (5%).

A seguir, a Figura 1 ilustra, de forma resumida, os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa.

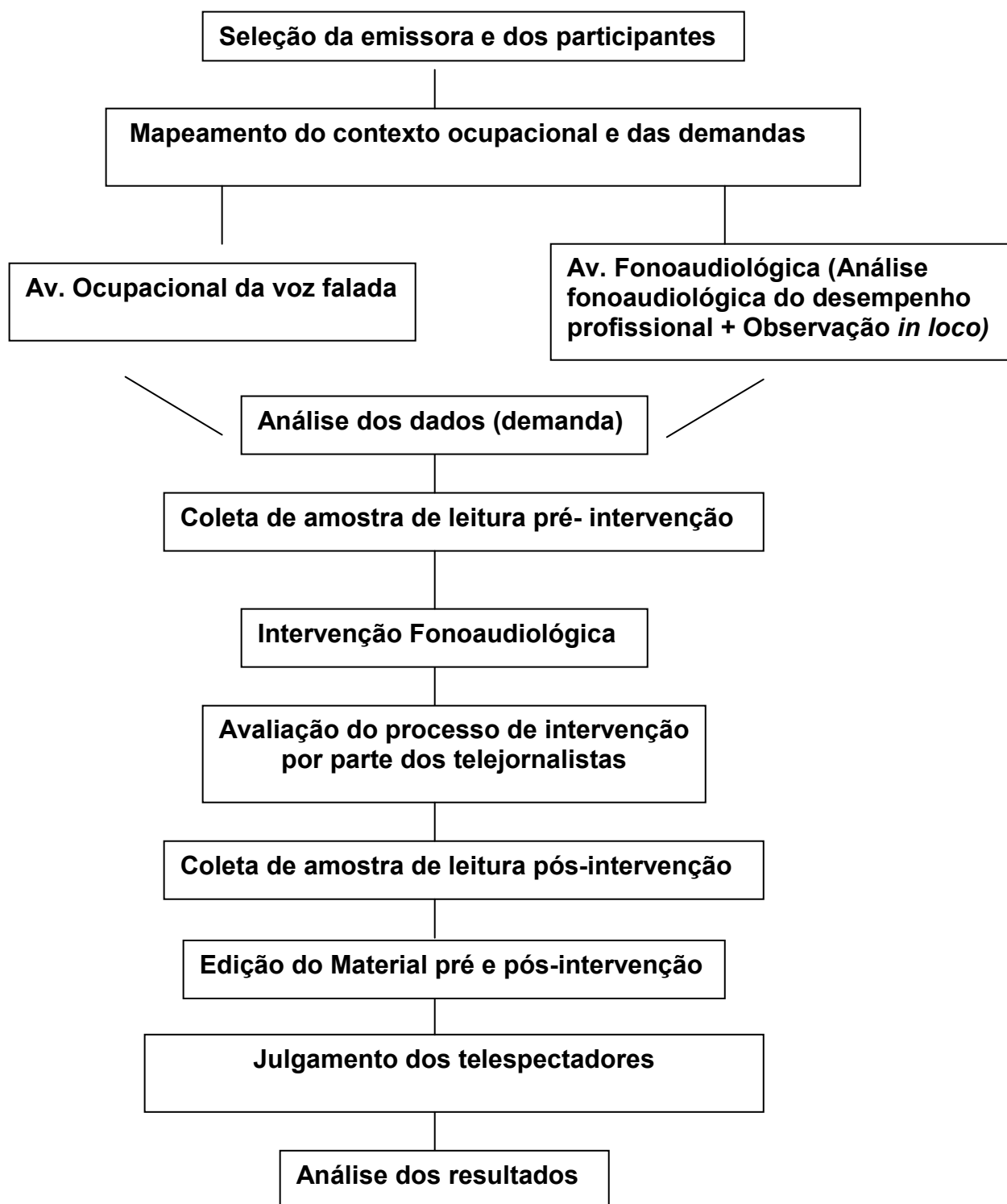


Figura 1 – Fluxograma das etapas que foram desenvolvidas para a realização desta pesquisa.

5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

Este capítulo tem por objetivo, inicialmente, descrever o processo de análise da demanda dos telejornalistas, por meio de suas respostas ao questionário de avaliação ocupacional da voz falada e dos resultados da avaliação fonoaudiológica, que subsidiou o planejamento da intervenção. Em seguida, consta a descrição da intervenção e, ao final, o registro da frequência dos telejornalistas participantes.

5.1 ANÁLISE DA DEMANDA PARA PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO

5.1.1 Questionário de avaliação ocupacional da voz falada – Saúde geral

O grupo de telejornalistas, na sua maioria, não apresenta problemas de saúde e quando estes são registrados (às vezes) são referentes a distúrbios digestivos (T4 e T5) e dor de cabeça (T5). Não apresentam problemas de vias aéreas, e somente T2 e T5 referem às vezes rinite. Todos negam problemas auditivos. Dos seis telejornalistas, dois (T5 e T6) referem, às vezes, a presença de estalos quando abrem a boca ou mastigam; quatro (T2, T3, T4 e T5) relatam presença de hábitos irregulares de alimentação, e os mesmos (T2, T3, T4, T5) apresentam hábitos inadequados antes do período de trabalho (T2 fuma; T3 ingere água gelada, café, leite e queijo, fuma e fala muito alto; T4 fala muito e T5 ingere café). Nas últimas duas semanas, três deles referem voz pior pela manhã (T1, T2 e T5), e alguns sintomas vocais (pigarro - T2 e T4; garganta seca - T2; voz mais grossa - T6). Um deles refere apresentar dificuldade em articular palavras devido a aparelho dentário (T1). Somente T2 nunca realiza atividade física. Todos referem, às vezes, acordar descansado e presença de *stress* no trabalho, causado por pressão (T1 e T2), ansiedade (T2 e T4), responsabilidade (T2), autocrítica (T2), falta de tempo (T3, T4 e T5) e muito trabalho (T6) (Anexo 9).

5.1.2 Questionário de avaliação ocupacional da voz falada – Contexto ocupacional

Pode-se observar que a maioria participou e participa de vários tipos de programa na TV; somente dois participantes (T1 e T6) realizam outra atividade profissional que use a voz; e dois (T3 e T6), em outra atividade que não a profissional. Em relação ao uso da voz, T4 refere nunca a utilizar para expressar a intenção da notícia; T6, sempre e o restante, às vezes. Somente T1 realizou assessoria para aprimorar a voz e realiza, às vezes, aquecimento de voz e exercício de articulação e projeção para usar a voz profissionalmente. A maior parte (T2, T3, T4 e T5) não apresenta cuidado com a voz; T1, T5 e T6 têm preocupação com os gestos realizados em sua atuação, e T2 é o único que nunca se preocupa com a vestimenta. Todos têm satisfação no desempenho de sua função; e somente T6 foi orientado quanto aos cuidados com sua voz durante sua formação profissional (Anexo 9).

5.1.3 Questionário de avaliação ocupacional da voz falada – Percepção da voz

Dentre os seis telejornalistas, T1 e T5 não estão satisfeitos com sua voz e todos referem necessidade de melhorar em sua atuação; T4 referiu rouquidão quando está gripada; quatro deles (T1, T4, T5 e T6) perceberam mudanças positivas na voz no decorrer da atuação profissional, sendo que um deles (T6) notou que ela ficou mais grave (Anexo 9).

5.1.4 Questionário de avaliação ocupacional da voz falada – Estrutura operacional

Quanto à estrutura operacional, notou-se que, em relação ao estúdio, somente T2 não se queixa da presença de ruído, embora todos façam referência à presença de isolamento acústico; dois deles (T1 e T4) consideram a temperatura muito quente e um relata mudanças bruscas devido ao liga e desliga do ar condicionado (T5); a maioria (T1, T2, T3 e T6) não sabe precisar sobre o tipo de iluminação, mas a considera agradável ou indiferente; T2 refere presença de produto de limpeza com cheiro forte e T4, presença de poeira. No estúdio, todos utilizam microfone de lapela e nunca utilizam ponto; fora, utilizam microfone “de mão” com e sem fio. Todos, à exceção de T3, referem, às vezes, existir urgência na gravação da notícia para que esta seja levada ao ar (Anexo 9).

5.2 RESULTADOS DA AVALIAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA

5.2.1 Análise fonoaudiológica do desempenho profissional

Para o registro da avaliação perceptivo-auditiva e visual dos parâmetros selecionados, a avaliadora pontuou, em protocolo específico, cada um dos parâmetros com uma nota de 0 a 7, sendo que 0 significava inadequação e 7 presença completa de adequação. Considerando que nossa amostra constituiu-se de seis telejornalistas, a nota máxima para cada parâmetro, somando-se todos os participantes, era 42 pontos. Observou-se que em ordem decrescente, ou seja, dos mais para os menos pontuados, os parâmetros foram: *loudness* (38), qualidade vocal (37), velocidade de fala (35), *pitch* (35), postura corporal (31), pausas (31), ênfases (31), modulação (24), gestos de cabeça (23), gestos de braços (22), gestos de mãos (22), expressão facial (21) e articulação dos sons (20) (Anexo 10).

É interessante destacar que T1 obteve a maior nota em todos os quesitos, seguido por T6 que teve avaliação pior apenas quanto ao uso de

gestos de cabeça e articulação dos sons. O telejornalista que apresentou mais dificuldade foi o T4, seguido de T3, T5 e T2. A maioria desses pontuou nota mais baixa na avaliação de gestos de braços, gestos de mãos, expressão facial, articulação dos sons e modulação.

5.2.2 Impressão geral referente à observação *in loco*

Observou-se que o estúdio de gravação é quente, com presença de poeira, e a sala de edição é bastante fria. Para gravação do *off*, o microfone fica pendurado - com uma das mãos o jornalista segura o texto a ser lido e a outra fica livre e o *off* sempre é gravado no estúdio e não necessariamente no mesmo dia da gravação externa. A *passagem* não é gravada necessariamente no mesmo dia e local que a gravação externa e os telejornalistas acumulam várias funções na emissora, embora não haja muita urgência na gravação (Anexo 10).

5.2.3 Uso de recursos vocais e não-verbais referentes à observação *in loco*

Durante as observações da pesquisadora, nenhum telejornalista realizou aquecimento vocal antes da gravação. A maioria, à exceção de T6, não utiliza ou utiliza pouco a ênfase para valorizar o assunto; metade (T3, T4, T5) usa pausas inadequadas ao discurso, articulação imprecisa (T4, T5, T6), e modulação inadequada (T2 – restrita; T3 – ausência; T5 – repetitiva) (Anexo 10).

Em relação aos recursos não-verbais, julgou-se como inadequado, na maior parte, a postura (T2, T4, T5 – rígida; T3 – peso do corpo distribuído para um dos lados; T6 – corpo inclinado para trás), expressão facial (T2, T3, T4, T5

- fixa), meneios de cabeça (T2 – repetitivo; T3, T4 – desconexos à fala); gestos de braços (T3, T4, T5 - rígidos) e mãos (T2, T3 - repetitivos), conforme demonstrado no Anexo 10.

Algumas considerações merecem ser destacadas: T1 é bastante segura, perfeccionista e crítica no trabalho; T2 pigarreia muito antes de gravar; T3 apresenta desvio de mandíbula para o lado direito; T4 mantém atitude dispersa antes de gravar; e T2, T4 e T5 demonstram insegurança antes da gravação.

5.3 DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO

A seguir, detalha-se os objetivos e os procedimentos da intervenção fonoaudiológica, em seus quatro encontros.

5.3.1 Primeiro encontro

Objetivos:

- Apresentar a proposta a ser desenvolvida com o grupo;
- Verificar a percepção dos telejornalistas, de si próprios e dos outros;
- Fornecer uma devolutiva sobre as maiores dificuldades encontradas no questionário e na avaliação em contexto profissional;
- Explicitar de forma breve a anatomofisiologia do mecanismo fonador;
- Fornecer orientação geral sobre a saúde vocal;
- Abordar o conceito e prática sobre aquecimento vocal;
- Mostrar o impacto do uso de recursos vocais sobre o ouvinte;
- Fornecer orientação a ser seguida em casa.

Procedimentos:

- Apresentada a proposta básica do curso e deixada em aberto a possibilidade de fazerem sugestões durante os encontros;
- Esclarecido que o principal objetivo da intervenção era oferecer a eles a oportunidade de aprenderem técnicas para o uso da voz profissional;
- Feitos questionamentos para os telejornalistas, a fim de verificar sua percepção de si próprios e dos outros;
- Fornecida aos telejornalistas uma devolutiva sobre as maiores dificuldades encontradas no questionário e na avaliação em contexto profissional;
- Mostrada a localização da laringe e a posição das pregas vocais, com a reprodução, com as mãos, do movimento; explicado o mecanismo de produção vocal, e enfatizado o papel da respiração, das pregas vocais, dos ressonadores, dos articuladores e da abertura bucal. Abordado, ainda, a voz como instrumento de trabalho e para tanto a necessidade de ser refinada e treinada;
- Distribuídas, em cima da mesa e de cabeça para baixo, fichas com ilustrações de fatores interferentes na saúde vocal. Cada participante foi convidado a pegar uma ficha e emitir sua opinião se eles o consideraram favorável ou prejudicial à voz e justificar sua opinião. Foram feitas considerações sobre hidratação, fumo, álcool, alimentação, sono/repouso, medicamentos, temperatura, ar-condicionado, exercício físico, vestuário e

hábitos inadequados, segundo proposta de KYRILLOS (2003). Todas as opiniões foram consideradas pelo grupo, independente de concordarem com o ponto de vista do colega. Foi esclarecido ainda que o que pode ser ruim para uma pessoa, pode não ser para outra. Logo, cada um deveria perceber o que faz bem e o que faz mal para si.

- Explicitada a importância e necessidade da realização do aquecimento vocal (BEHLAU, 2001; KYRILLOS, 2004);
- Realizada uma prática de aquecimento vocal com os telejornalistas, utilizando as técnicas propostas por KYRILLOS (2004), que se encontram no Anexo 11. Durante a execução da técnica, foram realizadas as correções necessárias;
- Realizadas dinâmicas:
 - Dinâmica 1 - Foi entregue a um dos participantes uma ficha contendo um diálogo entre um repórter e um entrevistado. Foi solicitado a esse telejornalista que fizesse o papel do repórter e que demonstrasse ser autoritário. Outro telejornalista foi escolhido aleatoriamente para fazer o papel do entrevistado. Esse participante foi orientado para demonstrar ser submisso. É importante ressaltar que isso foi colocado somente para a dupla, sem que os demais soubessem. Na sequência foi escolhida outra dupla. Entretanto, o repórter deveria ser submisso e o entrevistado autoritário (Anexo 12 – diálogo 1). Terminada essa dinâmica, foi discutido com o grupo se houve diferença no diálogo entre as duplas, embora o texto fosse o mesmo. Após constatado que houve diferença, foi discutido o que cada telejornalista fez para provocar essa diferença, como eles se expressaram e que recursos usaram.
 - Dinâmica 2 - Um dos participantes foi selecionado para ler um texto narrando um enterro, utilizando velocidade rápida, voz mais aguda e intensidade forte. No final, foi discutido com o grupo se eles achavam que aquele padrão combinava com a notícia que foi transmitida e por quê. Na sequência, foi solicitado a outro telejornalista que lesse, com

velocidade reduzida e intensidade baixa, um texto na qual o repórter transmitia a notícia que um time de futebol foi campeão brasileiro. Esses textos foram denominados de texto 1 e 2, respectivamente (Anexo 13).

- Dinâmica 3 - Cada telejornalista leu um parágrafo da revista VEJA (2005) (Anexo 13 – texto 3), utilizando um dos parâmetros oferecidos a ele em uma lista. Entre estes, constavam: voz soprosa, monótona, trêmula, infantilizada, nasal, grave, aguda, intensidade elevada, intensidade reduzida, articulação precisa, articulação imprecisa, velocidade lenta de fala e velocidade rápida de fala. Após a leitura de cada telejornalista com um parâmetro diferente, foi discutida a impressão que eles transmitiram aos demais com sua fala.
- Solicitado que no decorrer da semana cada um identificasse, dos hábitos abordados, qual interfere na sua voz, realizassem aquecimento vocal, observassem como se comunicam, e prestassem atenção na impressão que as pessoas transmitem por meio de sua voz.

5.3.2 Segundo encontro

Objetivos:

- Retomar a prática de aquecimento vocal e discutir sua realização;
- Abordar, treinar e conscientizar os telejornalistas sobre os recursos não-verbais (postura corporal, expressão facial, meneios de cabeça, gestos e articulação);
- Treinar a articulação dos telejornalistas.

Procedimentos:

- Retomada a prática de aquecimento vocal e discutido se os telejornalistas o realizaram e se perceberam alguma diferença;

- Realizado um trabalho específico sobre recursos não-verbais. Para tanto, foi transmitido um vídeo, sem som, contendo a atuação de cada telejornalista. Foi solicitado que observassem a postura corporal, expressão facial, movimentos de cabeça, gestos e a articulação. Foi orientado, ainda, para observarem que tipo de notícia o telejornalista parecia transmitir, ou seja, se era alegre, triste, descontraída, séria, entre outras. Ao final da apresentação do vídeo de cada telejornalista, o mesmo era pausado e a discussão era iniciada com base na atuação do telejornalista que tinha realizado a narração. Todos os participantes, inclusive o telejornalista em questão, apontaram atitudes que pareciam estranhas no vídeo. Após os comentários, o vídeo foi repassado, porém dessa vez com som. A partir disso, discutiam-se todos os itens que tinham sido comentados e os participantes davam sugestões de melhora. No meio da discussão, à medida que os recursos eram citados, foi abordado o uso dos recursos não-verbais com base na literatura (COTES, 2003; KYRILLOS, 2004). Para ilustrar e facilitar o entendimento, foram utilizadas as figuras apresentadas por COTES (2003) que exemplificam formas mais adequadas de como utilizar os gestos de mãos, meneios de cabeça, expressão facial, postura e posicionamento de microfone. Discutida a atuação de cada telejornalista sem e com áudio, foi analisado um outro vídeo contendo a atuação de outros profissionais do telejornalismo. A partir da análise de cada um, foi retomado o embasamento teórico e esclarecidas as dúvidas. É importante ressaltar que, a todo momento, era informado que as sugestões fornecidas são resultado de estudos na área. Foi abordado, ainda, que os recursos devem ser conhecidos e aprendidos para o telejornalista os utilizar a favor de sua atuação, modificando o padrão de fala conforme o que se quer exprimir em cada situação. Foi explicado que o objetivo era fornecer estratégias que facilitam a comunicação na televisão.
- Realizados exercícios articulatórios:
 - Exercício 1- Solicitado que os telejornalistas falassem os dias da semana + meses do ano + números de um a trinta, inicialmente sem nada na boca e em seguida utilizando hiperbolóide tamanho G entre

os dentes. Por fim, tiraram o hiperbolóide e contaram até dez para perceber a diferença;

- Exercício 2- Os participantes receberam uma folha contendo seqüências articulatórias (Anexo 14) e foram orientados a ler as seqüências e, aos poucos, aumentar a velocidade de fala;
 - Exercício 3- Entregue uma folha com trava-línguas – palavras e frases – (Anexo 15) extraídos de FRANÇA (2003) e solicitado que os telejornalistas lessem de forma rápida e precisa;
 - Exercício 4- Entregue um texto (Anexo 13 – texto 4) e solicitado que lessem e, aos poucos, aumentassem a velocidade de fala;
- Solicitado que, no decorrer da semana, os telejornalistas procurassem internalizar a teoria e prática que aprenderam, para, dessa forma, utilizar de maneira natural os recursos que consideram pertinentes e que melhor combinam com sua atuação;
 - Solicitado que cada telejornalista trouxesse na semana seguinte um texto seu para ser treinado.

5.3.3 Terceiro encontro

Objetivos:

- Retomar o treino dos recursos não-verbais;
- Abordar, conscientizar e treinar os telejornalistas sobre o uso dos recursos vocais (ênfase, curva melódica, velocidade e pausas).

Procedimentos:

- Retomado o conteúdo dos recursos não-verbais do encontro anterior e discutida a percepção dos telejornalistas em relação ao uso desses recursos;
- Realizados os exercícios de amplitude e precisão articulatória propostos no segundo encontro;

- Os telejornalistas foram instruídos a simular uma apresentação utilizando seus próprios textos. Foram orientados a tomar conhecimento a respeito dos aspectos para os quais deveriam se atentar e melhorar. Ao final da simulação de cada telejornalista, os participantes e a fonoaudióloga opinaram sobre sua atuação;
- Explicitada a importância da utilização dos recursos vocais durante a apresentação de um telejornal;
- Abordado o uso da ênfase com base na literatura (KYRILLOS, 2004);
- Realizados exercícios para treinar o uso da ênfase:
 - Exercício 1 - Leitura de frases (Anexo 16 – Frase 1) dando ênfase às palavras marcadas. Esse exercício teve por objetivo mostrar que o significado é comunicado não apenas por meio de palavras, ou da ordem em que às mesmas são colocadas na frase, mas também por meio das ênfases;
 - Exercício 2 - Solicitado que os telejornalistas lessem em voz alta algumas frases (Anexo 16 - frase 2), dando ênfase às palavras marcadas. Em seguida deveriam repetir as mesmas frases sem dar ênfase às palavras;
 - Exercício 3 - Um dos participantes leu uma frase (Anexo 16 – frase 2) e os demais analisaram qual o recurso utilizado. Na sequência, outra pessoa leu a mesma frase utilizando um recurso diferente do anterior.
- Realizados exercícios para treinar a curva melódica:
 - Exercício 1 - Ler as palavras apresentadas em uma lista (Anexo 17), realizando a modulação de acordo com a instrução fornecida;

- Exercício 2 - Dramatizar os diálogos apresentados (Anexo 12 – Diálogo 2);
 - Exercício 3 - Falar a palavra “Oh” de acordo com situações apresentadas (Anexo 16 - Frase 3);
 - Exercício 4 - Ler as frases apresentadas realizando a modulação de acordo com o conteúdo (Anexo 16 - Frase 4);
- Abordado o uso da velocidade, com base na literatura (KYRILLOS, 2004);
- Abordado o uso da pausa, com base na literatura (KYRILLOS, 2004);
- Realizados exercícios para treinar a pausa:
 - Exercício 1 - Leitura de frases de acordo com as instruções dadas (Anexo 16 – Frase 5);
 - Exercício 2 - Treinado com os telejornalistas o uso desses recursos utilizando o mesmo texto em que simularam a apresentação do exercício 2 dos recursos não-verbais (segundo encontro). Foram instruídos a narrar combinando os recursos vocais e não-verbais de acordo com o conteúdo.

5.3.4 Quarto encontro

Objetivo:

- Retomar o uso dos recursos vocais e não-verbais.

Procedimentos:

- Os vídeos, com a atuação de cada profissional, foram analisados quanto aos pontos positivos e negativos e a seguir sugeridas as mudanças;

- Apresentação da fita de vídeo “Voz e corpo na comunicação” – COTES (2003).

5.4 FREQUÊNCIA DOS TELEJORNALISTAS PARTICIPANTES

Quadro 1 - Distribuição da frequência dos telejornalistas participantes.

	T1	T2	T3	T4	T5	T6
1ª Semana	X	X	X	X	X	X
2ª Semana	X	X	X	X	X	X
3ª Semana	X	X	F	F	X	F
4ª Semana	X	F	X	F	X	X
TOTAL	4	3	3	2	4	3

6 RESULTADOS

Os resultados do presente trabalho estão apresentados nas tabelas de 1 a 5.

A tabela 1 apresenta a distribuição numérica dos aspectos positivos e negativos, na opinião dos telejornalistas.

A tabela 2 apresenta a caracterização da amostra de telespectadores, de acordo com a ocupação, sexo e idade.

A tabela 3 apresenta o julgamento do melhor desempenho dos telejornalistas, de acordo com a situação (pré ou pós-intervenção), na opinião de telespectadores.

A tabela 4 apresenta a distribuição numérica e percentual do sexo dos telespectadores, de acordo com julgamento realizado para cada telejornalista.

A tabela 5 apresenta a distribuição numérica e percentual da idade dos telespectadores, de acordo com julgamento realizado para cada telejornalista.

Tabela 1 - Distribuição numérica dos aspectos positivos e negativos, na opinião dos telejornalistas.

Variável	N
Pontos Positivos	
Auto-percepção e percepção de outros	5
Conhecimento de técnicas	4
Treinamento <i>off</i> + apresentação estúdio	2
Exercícios de dicção	2
Noção de saúde vocal	2
Reforço de técnicas aprendidas anteriormente	1
Conhecimento de aquecimento/ desaquecimento	1
Exercício de recursos não-verbais	1
Pontos Negativos	
Tempo reduzido	4
Pouco material para auto-avaliação	1
Pouco acompanhamento individual	1
Período de realização inadequado	1
Dificuldade em horário compatível entre os participantes	1

Tabela 2 - Caracterização da amostra de telespectadores, de acordo com a ocupação, sexo e idade.

Variável	N	%
Ocupação		
Estudantes de graduação	20	40
Professores e pesquisadores	12	24
Outras	18	36
Sexo		
Masculino	23	46
Feminino	27	54
Idade (anos)		
Mínimo – máximo	18 - 58	
Mediana	25	
Média +/- desvio padrão	29,8 +/- 11,3	

Tabela 3 - Julgamento do melhor desempenho dos telejornalistas, de acordo com a situação (pré ou pós-intervenção) na opinião de telespectadores.

Telejornalista	Pré		Pós		Iguais		Pré x Pós
	N	%	N	%	N	%	p-valor
T1	10	20,0	30	60,0	10	20,0	< 0.009*
T2	15	30,0	22	44,0	13	26,0	0.147
T3	17	34,0	17	34,0	16	32,0	1.000
T4	16	32,0	27	54,0	7	14,0	0.026 *
T5	13	26,0	24	48,0	13	26,0	0.023 *
T6	11	22,0	27	54,0	12	24,0	< 0.001 *

Tabela 4 - Distribuição numérica e percentual do sexo dos telespectadores, de acordo com julgamento realizado para cada telejornalista.

		Feminino		Masculino		p-valor
		N	%	N	%	
T1						
	Iguais	6	22,2	4	17,4	0,670
	Pós	15	55,6	15	65,2	0,487
	Pré	6	22,2	4	17,4	0,670
T2						
	Iguais	7	25,9	6	26,1	0,990
	Pós	10	37,0	12	52,2	0,283
	Pré	10	37,0	5	21,7	0,239
T3						
	Iguais	8	29,6	8	34,8	0,697
	Pós	11	40,7	6	26,1	0,276
	Pré	8	29,6	9	39,1	0,480
T4						
	Iguais	3	11,1	5	21,7	0,307
	Pós	15	55,6	12	52,2	0,811
	Pré	9	33,3	6	26,1	0,577
T5						
	Iguais	7	25,9	6	26,1	0,990
	Pós	13	48,1	11	47,8	0,982
	Pré	7	25,9	6	26,1	0,990
T6						
	Iguais	8	29,6	4	17,4	0,313
	Pós	11	40,7	16	69,6	0,042 *
	Pré	8	29,6	3	13,0	0,158

Tabela 5 - Distribuição numérica e percentual da idade dos telespectadores, de acordo com julgamento realizado para cada telejornalista.

		Iguais	Pós	Pré	p-valor
T1	Mínimo-máximo	22 - 58	18 - 54	19 - 30	0,060
	Mediana	29,5	25	23,5	
	Média +/- desvio padrão	34,90 +/- 14,35	30,37 +/- 11,15	23,20 +/- 3,26	
Mínimo-máximo		18 - 54	19 - 57	22 - 58	

7 DISCUSSÃO

Os primeiros apresentadores e repórteres de televisão eram locutores profissionais que migraram do rádio e, por isso, foram naturalmente escolhidos para essa função de telejornalista. Entretanto, segundo KYRILLOS (2004), nesse veículo, em que a imagem também está presente, o formato do rádio pareceu exagerado ou até caricato. Com o decorrer do

tempo, o apresentador de televisão passou a desenvolver um novo estilo, mais condizente à situação de “entrar na casa” das pessoas, levando informações importantes com credibilidade, buscando ser bem recebido. A partir desse momento, o fonoaudiólogo passou a ter função mais específica junto a esses profissionais, uma vez que a linguagem como um todo passou a ser considerada.

Atualmente, a abordagem fonoaudiológica com essa população tem sido cada vez mais necessária e solicitada para aprimorar o desempenho, a qualidade vocal e os recursos de voz e de corpo usados para transmitir as informações (VIEIRA, 2005). Essa atuação evidencia-se a partir de trabalhos publicados a esse respeito. Porém, poucos foram os estudos que avaliaram, de forma científica, a efetividade da intervenção fonoaudiológica na qualidade da comunicação desses profissionais, e a maior parte dos existentes não foi publicada em periódicos.

Os telejornalistas dependem especificamente da comunicação, e, dentro dessa, a voz representa grande influência. Para tanto, precisam aprimorar intensamente suas habilidades expressivas. Isto acontece porque a televisão é uma situação de fala construída, não natural. Falar profissionalmente pressupõe o uso calculado e dirigido de diversos parâmetros, para um resultado final satisfatório. Envolve um padrão de emissão cuidado, planejado e baseado na intuição e no conhecimento, além de seu uso consciente e aplicado (KYRILLOS, 2005). O telejornalista, hoje, tem de saber, sobretudo, usar ao máximo suas potencialidades, ser espontâneo e procurar sempre se aprimorar. Deve sentir o que está falando, trabalhar com equilíbrio, porém sem esquecer a emoção (PETER e SOUTO, 2004).

O maior objetivo desses profissionais é passar a notícia com credibilidade e, para isso, necessitam de uma boa qualidade de voz e também de clareza articulatória, boa modulação, ênfase nas palavras de

destaque e entoação adequada. O uso de recursos de uma forma apropriada pode valorizar uma matéria (KYRILLOS *et al.* 2002).

Diante da complexa abordagem dos aspectos da comunicação usada em telejornais, buscou-se neste estudo desenvolver uma intervenção dinâmica de aprimoramento dos recursos vocais e não-verbais dos telejornalistas diante das câmeras, para tornar a comunicação mais eficaz, apropriada e agradável para seus telespectadores. Para isso, a demanda foi anteriormente mapeada e analisada. Para facilitar a leitura da discussão de cada etapa que compôs este estudo, as mesmas serão apresentadas separadamente a seguir.

7.1 MAPEAMENTO DO CONTEXTO OCUPACIONAL E DAS DEMANDAS

Ao mapear a demanda dos telejornalistas para planejar uma intervenção direcionada aos sujeitos participantes, pôde-se observar que a maioria das respostas dos telejornalistas demonstrou ausência de distúrbio de saúde geral e de vias aéreas. No estudo de FRANÇA (2003) com 100 telejornalistas, foi verificado um número significativo de doenças que afetam indiretamente a produção vocal – 21 casos de laringite, amigdalite e faringite, oito casos de bronquite, 14 casos de rinite e 20 de sinusite.

A maioria dos participantes desta pesquisa apresentou hábitos irregulares de alimentação. Esses dados estão de acordo com KYRILLOS (2003), ao referir que, frequentemente, o profissional de telejornalismo atua em condições adversas, expostos a temperaturas oscilantes e em horários irregulares, tanto de alimentação quanto de repouso.

Todos os participantes referiram presença de *stress* no ambiente de trabalho. Este dado está de acordo com a literatura, que afirma que a atividade do repórter e do apresentador de telejornal envolve elevado nível de *stress* (FRANÇA, 2003; KYRILLOS, 2003; COELHO e VASCONCELOS, 2003; BEHLAU *et al.* 2005), em virtude da corrida contra o tempo para a apresentação das matérias e uma forte disputa pela exclusividade das notícias (BEHLAU *et al.* 2005).

Ao observar que T5 e T6 queixaram-se de estalos quando abrem a boca, julgou-se importante orientá-los e encaminhá-los para um profissional especializado em disfunção da articulação temporomandibular (ATM). T6 queixou-se também que sua voz ficou mais grossa depois que começou a usá-la profissionalmente. Assim, o profissional também foi encaminhado ao otorrinolaringologista, que diagnosticou a presença de um cisto na prega vocal direita, e o mesmo foi encaminhado para fonoterapia. Para BEHLAU *et al.* (2001), a disfonia conseqüente da presença de uma alteração estrutural mínima (AEM) depende do uso da voz e da magnitude da alteração. Frequentemente, tais quadros passam a ser sintomáticos apenas quando o sujeito é submetido a uma demanda vocal mais intensa, como, por exemplo, quando muda de atividade profissional ou passa a exigir mais de sua voz por aumento de horas de trabalho.

Os telejornalistas demonstraram pouco conhecimento de cuidados para com a voz, e, assim, verificou-se a necessidade de orientá-los em relação à saúde vocal. O resultado aqui encontrado condiz com a afirmação de WOJCIEHWSKI e HEEMANN (1998), de que há um grande desconhecimento dos profissionais da voz em relação ao uso e aos cuidados básicos com a voz. Para BEHLAU *et al.* (2005), os telejornalistas desconhecem noções básicas de higiene vocal e de recursos de interpretação, necessários para adequar a narração ao estilo do programa e ao tipo de reportagem. Em contrapartida, no estudo de TORRES *et al.* (1999), os telejornalistas participantes demonstraram conhecimento técnico

de sua própria voz e do seu uso como instrumento de interpretação da notícia.

Metade dos participantes referiram ter preocupação com os gestos realizados em sua atuação. COTES E FERREIRA (2002), ao assessorarem repórteres e apresentadores, também observaram grande preocupação desses profissionais em relação à sua própria performance e falta de conhecimento de que o aspecto vocal e o não-verbal caminham lado a lado. Entretanto, deixaram claro que muitas vezes esses profissionais não sabem quais dessas áreas poderiam se manifestar de forma mais adequada, tornando-os mais fiéis ao contexto.

Dos seis telejornalistas, somente T1 realizou assessoria para aprimorar a voz. T6 foi o único que recebeu orientações quanto aos cuidados com a voz durante sua formação profissional. Esse número reduzido está de acordo com a pesquisa de FRANÇA (2003), na qual, por meio de um questionário para levantamento de histórico vocal aplicado a 100 telejornalistas, verificou que apenas oito alegaram ter sido submetidos a algum tipo de terapia vocal. Na formação acadêmica do telejornalista, na maior parte das vezes, não é dada informação nem treinamento suficientes para que ele possa valorizar a comunicação de forma mais adequada (STIER e NETO 2005; TORRES *et al.* 2004).

Em relação à estrutura operacional do estúdio, observou-se que, embora tenha isolamento acústico, todos, exceto T2, queixaram-se da presença de ruído. Essa poluição sonora é prejudicial, uma vez que dificulta o controle auditivo da voz (KYRILLOS, 2003). Metade dos participantes não está satisfeito com a temperatura e dois queixaram-se de produto de limpeza com cheiro forte e presença de poeira. KYRILLOS (2003) ressaltou a importância de se evitar o choque térmico e controlar os fatores que irritam todo o aparelho respiratório.

A maioria dos telejornalistas participantes referiu perceber mudanças positivas na voz no decorrer da atuação profissional. Para BEHLAU e STIER (2001), a voz tende a mudar com o desenvolvimento da profissão, estabelecendo diferenças entre a voz pessoal e a profissional.

Após os telejornalistas responderem ao questionário de avaliação ocupacional da voz falada, foi realizada uma avaliação perceptivo-auditiva e perceptivo-visual dos parâmetros selecionados. Notou-se que T1 obteve a maior nota em todos os quesitos (91 pontos), seguido por T6, que teve avaliação pior apenas quanto ao uso de gestos de cabeça e articulação dos sons (81 pontos), T2 (70 pontos), T5 (47 pontos) e T3 (46 pontos). O telejornalista que apresentou mais dificuldade foi o T4 (39 pontos) (Anexo 10). A maioria desses pontuou nota mais baixa na avaliação de gestos de braços, gestos de mãos, expressão facial, articulação dos sons e modulação. É interessante destacar que os dois telejornalistas que obtiveram melhor desempenho (T1 e T6) foram os únicos profissionais que haviam recebido algum tipo de orientação quanto a sua comunicação. Dessa forma foi verificado que as maiores dificuldades do grupo estavam relacionadas aos recursos não-verbais (Anexo 10). Essa constatação foi fundamental para se planejar a intervenção.

A revisão da literatura demonstrou que a maior parte dos trabalhos da Fonoaudiologia, que realizaram intervenção com telejornalistas, enfatizou apenas os recursos vocais (FERREIRA e RICCI, 1999; GIROTO e MARTINS, 2000; CASSOL, 2002; TEIXEIRA *et al.* 2003; PETER e SOUTO, 2004; STIER e FEIJÓ, 2004; CAMARGO e PENTEADO, 2004; STIER e FEIJÓ, 2005). Somente foram encontrados dois estudos que abordaram os recursos vocais e não-verbais (SERVILHA, 2002; VIEIRA, 2005), fato que aponta na direção de que o fonoaudiólogo precisa refletir mais sobre esse aspecto. O treinamento de recursos vocais é extremamente importante; entretanto, os recursos não-verbais não podem ser esquecidos. Isso reforça a importância de se mapear as necessidades e demanda do indivíduo antes

de realizar um treinamento. Neste estudo, se fosse realizado somente o treino dos recursos vocais, seguindo o que mais aparece na literatura fonoaudiológica, seria deixado de lado a maior dificuldade do grupo, que foi justamente o recurso não-verbal. Acredita-se que, ao aliar voz e imagem, pode-se conseguir melhores resultados.

Em seguida, no acompanhamento aos telejornalistas em suas atividades profissionais, foram levantados dados sobre o ambiente de trabalho e pontos relevantes na atuação (Anexo 10). Essa etapa foi importante porque permitiu acompanhar, individualmente, a rotina de cada participante e observar quais orientações deveriam ser realizadas em relação ao ambiente de trabalho, verificar suas dificuldades, e analisar quais os parâmetros precisavam ser abordados em maior intensidade. Apesar de todos os participantes trabalharem na mesma emissora de TV, cada um tem sua rotina, ambiente e organização diferentes.

Notou-se que nenhum telejornalista participante realizou aquecimento vocal antes da gravação, mesmo sabendo que estava sendo observado pela fonoaudióloga. Esse dado é similar ao encontrado por STIER (1997) no qual, ao avaliar os hábitos e cuidados vocais de 20 telejornalistas, verificou que uma das características desses profissionais é não praticar aquecimento vocal.

Observaram-se alguns pontos a serem trabalhados, tanto de recursos vocais quanto não-verbais. Entretanto, o que mais chamava a atenção na comunicação dos sujeitos era o uso inadequado dos recursos não-verbais. É importante ressaltar que, de forma geral, os aspectos mapeados pelos telejornalistas deste estudo não diferiram do apontado pela literatura para essa população (OLIVEIRA, 1998; COTES e FERREIRA, 2001; KYRILLOS *et al.* 2002; SERVILHA, 2002; KYRILLOS, 2003; KYRILLOS *et al.* 2003; STIER e NETO, 2005; BEHLAU *et al.* 2005; PANICO,

2005). Porém, foram fundamentais para auxiliar na determinação da frequência e duração a ser direcionada a cada parâmetro.

7.2 INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA

Após o mapeamento da demanda dos telejornalistas e levantamento dos aspectos sugeridos na literatura da área, selecionou-se como conteúdo para a intervenção, explicar, de forma breve, a anatomofisiologia do mecanismo fonador, fornecer orientação geral sobre saúde vocal, abordar o conceito e prática sobre aquecimento da voz, assim como abordar, treinar e conscientizar os telejornalistas sobre os recursos não-verbais e vocais. Foi reservado um tempo maior para o uso dos recursos não-verbais, por conta da necessidade dos participantes.

Ao esclarecer o mecanismo de produção vocal, notou-se surpresa e desconhecimento da maior parte dos telejornalistas. Considerou-se importante os profissionais conhecerem, ainda que de forma superficial, como a voz é produzida.

No momento em que se discutia sobre saúde vocal ficou evidente a falta de conhecimento da maioria em cuidar da voz. Para KYRILLOS (2003), é importante os telejornalistas conhecerem os fatores que interferem na voz e na fala, de maneira direta ou indireta, positiva ou negativa, para que seja possível tirar partido dos positivos e controlar os negativos. Julgou-se fundamental tal orientação, na medida em que os telejornalistas fizeram várias perguntas, foram esclarecidas dúvidas e desmistificaram-se certos hábitos relacionados ao assunto. BEHLAU e PONTES (1993) definem higiene vocal como um conjunto de normas básicas que auxiliam a preservar a saúde e a prevenir o aparecimento de alterações e doenças. Estas normas dizem respeito ao tabagismo, etilismo, uso de drogas, alergias, hábitos

vocais inadequados, como a competição vocal, efeitos do ar-condicionado, tipo de vestuário, efeito de determinados esportes sobre a voz, alterações hormonais e medicamentos.

Para KYRILLOS (2004), o conhecimento sobre os fatores que interferem positiva ou negativamente na produção vocal é fundamental para que o indivíduo seja o agente das modificações necessárias e dos cuidados indicados. ANDRADA E SILVA (1998) acrescenta que se deve pensar não apenas nos aspectos que prejudicam as pregas vocais, mas sim no trato vocal integrado na saúde geral de cada indivíduo. Dessa forma, pode-se pensar que, apesar de as orientações serem gerais, as necessidades, assimilações e repercussões são absolutamente singulares, fato explorado durante a intervenção.

Apesar do mecanismo de produção vocal ser complexo e depender de vários outros fatores, além dos musculares, os profissionais da voz devem também preparar seu aparelho fonador para garantir um máximo de rendimento, e com o mínimo esforço (MARTINEZ e SILVA, 2004). Nesse sentido, o aquecimento vocal parece ter excelente contribuição para esses profissionais. Segundo VINTTURI *et al.* (2001), o aquecimento vocal pode ser descrito como um período inicial de rápida mudança vocal que acontece durante o exercício profissional da voz falada e cantada e geralmente facilita a produção vocal.

Para BEHLAU *et al.* (2005), os exercícios de aquecimento vocal têm como principais objetivos: possibilitar adequada coaptação da mucosa, resultando em uma qualidade vocal com maior componente harmônico; diminuir o fluxo transglótico por meio de uma inspiração rápida e curta e uma expiração controlada, produzindo uma voz com menor quantidade de ar não-modulada; permitir às pregas vocais maior flexibilidade de alongamento e encurtamento, durante as variações de frequência; deixar a mucosa mais solta, proporcionando maior habilidade ondulatória; dar maiores intensidade

e projeção à voz; proporcionar uma melhor articulação dos sons; e reunir melhores condições gerais de produção vocal.

Durante a realização do aquecimento vocal, os telejornalistas não demonstraram dificuldade na execução dos exercícios. Entretanto, observou-se que a maior dificuldade ficou por conta deles perceberem uma diferença após sua realização, fato que fez com que não valorizassem muito a prática e seus resultados, dados que diferiram de outros estudos, como, por exemplo, o de STIER e FEIJÓ (2005), que realizaram aquecimento vocal com 13 telejornalistas e verificaram que o mesmo promoveu, em todos os participantes, uma percepção de melhor qualidade vocal e de maior conforto e facilidade à emissão. Ainda MARTINEZ e SILVA (2004) realizaram um estudo com sete apresentadores de televisão e, após a aplicação de uma série de exercícios de aquecimento vocal, observaram aumento de intensidade de voz, tendência ao aumento de frequência fundamental e maior projeção vocal. Talvez se, neste estudo, o aquecimento vocal tivesse sido abordado e praticado em tempo maior, com maior valorização, os participantes viessem a ter uma maior percepção de seus benefícios.

Sabe-se que no processo de comunicação são utilizados recursos verbais, vocais e não-verbais, que transmitem enorme gama de informações. Esses recursos precisam apresentar-se de maneira coerente e complementar para atingir a expressão plena, a comunicação efetiva. Os recursos verbais dizem respeito ao conjunto de vocábulos que o sujeito dispõe e que serão selecionados para cada situação de comunicação ou tipo de mensagem. Os recursos vocais referem-se aos parâmetros paralingüísticos que compõem a emissão. Fala-se da ênfase, curva melódica, uso de pausas e modificações de velocidade, *loudness* e ritmo, com intenção comunicativa. Por fim, os recursos não-verbais englobam o corpo como canal de expressão, consideram-se a postura corporal, o uso de gestos e a expressão facial (KYRILLOS, 2004).

Didaticamente, esses recursos foram trabalhados separadamente, a fim de facilitar o processo de treinamento e para o telejornalista assimilar facilmente o que precisa mudar. Os aspectos não-verbais da intervenção abordaram os parâmetros de postura, gestos e expressão facial. Os aspectos vocais selecionados foram qualidade vocal, *pitch*, *loudness*, articulação, velocidade de fala, pausas, curva melódica e ênfases. Todos esses recursos envolvem aptidões particulares e dependem de experiências anteriores de cada indivíduo, porém são estratégias essenciais para o desenvolvimento da expressão mais efetiva.

É importante destacar que o treinamento desses recursos, conforme descritos no capítulo 5, foi baseado em dinâmicas, discussões e práticas, dentro das quais foram inseridas as sugestões encontradas na literatura da área (COTES, 2000; KYRILLOS *et al.* 2003; KYRILLOS, 2004). Acredita-se que os procedimentos adotados foram bem aceitos pelos participantes, alcançando sua linguagem, necessidade e interesse, e que o conteúdo selecionado é pertinente para o contexto de uso da voz profissional. Entretanto, verificou-se a necessidade de um tempo maior para executar todas as atividades propostas. Notou-se otimismo em achar que era possível contemplar, de forma profunda, o conteúdo selecionado em curto período de tempo. Sugere-se a realização em maior tempo para facilitar o processo de aprendizagem dos participantes, caso contrário, talvez seja melhor reduzir o conteúdo. Para ZABALA (1998), a aprendizagem de um procedimento implica na realização de ações que formam os procedimentos, sendo essa uma condição essencial para a aprendizagem; a exercitação múltipla como elemento imprescindível para o domínio competente; a reflexão sobre a própria atividade, o que permite que se tome consciência da atuação; e a aplicação em contextos diferenciados, que se baseia no fato de que aquilo que se aprende será mais útil na medida em que se pode utilizar em situações nem sempre previsíveis.

7.3 AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO PELOS PARTICIPANTES

Dada a semelhança das respostas dos telejornalistas quanto aos aspectos positivos e negativos da intervenção, para a análise dos resultados agruparam-se as respostas em categorias (Tabela 1). Em ordem decrescente, os aspectos positivos foram: auto-percepção e percepção dos outros; conhecimento de técnicas; treinamento de *off* e apresentação em estúdio; exercício de dicção; noção de saúde vocal; conhecimento de aquecimento/ desaquecimento vocal; e exercício de recursos não-verbais.

Ao se refletir sobre os dois aspectos mais pontuados, acredita-se que a intervenção promoveu um impacto positivo nos telespectadores. Observou-se que o único telejornalista que não citou como ponto positivo a autopercepção foi o telejornalista T1, que, conforme observado no anexo 9, foi o único participante que havia realizado assessoria para aprimorar a comunicação.

Aprender a se auto-avaliar parece ter contribuído de forma positiva para os participantes, já que despertou uma visão crítica de aspectos importantes para sua comunicação. Pode-se inferir que à medida que o indivíduo consegue se autoperceber e ter o conhecimento das técnicas para melhorar seu desempenho, ele poderá transformar o conhecimento aprendido em ações práticas. KYRILLOS (2003) referiu que com maior consciência do próprio corpo, da voz e com o conhecimento dos fatores que interagem para a sua produção, pode-se, com certeza, atingir a melhor atuação profissional. Para ZABALA (1998), a reflexão sobre a própria atividade permite que se tome consciência da atuação. Não basta repetir um exercício de forma aleatória. Para poder melhorá-lo é necessário ser capaz de refletir sobre quais são as condições ideais de seu uso. O autor considera, ainda, que se adquiriu um valor quando este foi interiorizado e foram elaborados critérios para tomar posição frente àquilo que deve se

considerar positivo ou negativo, critérios morais que regem a atuação e a avaliação de si mesmo e dos outros.

É interessante notar que os participantes valorizaram a percepção dos outros, e avaliar o colega foi mais fácil do que avaliar a si mesmo. Acredita-se que, a partir do momento em que eles tomavam consciência e percebiam o aspecto inadequado e mais chamativo do outro participante, passavam a se autoperceber com mais facilidade.

Os aspectos negativos relatados pelos participantes (Tabela 1) foram: tempo reduzido, pouco material para auto-avaliação, pouco acompanhamento individual, período inadequado, e dificuldade em horário compatível entre os participantes.

Na intervenção fonoaudiológica deve-se estar atento para que a atuação não seja apenas de caráter informativo (FERREIRA, 2002). É necessário sensibilizar aos poucos o profissional e acredita-se ser esta uma metodologia que facilita o entendimento. Entretanto, reconhece-se que, neste estudo, deveria ser maior o número de encontros. Para LOPES (2002), quanto mais curto for um curso, provavelmente menor deverá ser seu aproveitamento, visto que lidar com comunicação oral implica em modificação de comportamento por meio de um treinamento e autoconhecimento, pois tal situação demanda tempo e faz parte de um processo de mudança de vida. Dessa forma, a autora propõe cursos com duração mínima de 12h, máxima de 32h, sendo mais comumente realizado com 20 horas.

No trabalho de VIEIRA (2005), que realizou uma orientação breve, com estagiários do curso de jornalismo, a duração foi de 30 minutos, acrescidos de cinco minutos de aquecimento vocal. Após avaliação da fonoaudióloga, os resultados demonstraram a tendência de que uma orientação dessa natureza produz efeito praticamente imediato na fala do

aprendiz, pequeno, porém real. No caso de profissionais da comunicação, o ideal é o acompanhamento constante para o desenvolvimento de uma melhor performance comunicativa.

Destaca-se que a auto-avaliação, embora tenha sido o aspecto mais citado como positivo, foi relatada como tendo tido pouco material para sua realização, fato que reforça ainda mais ser a auto-avaliação uma estratégia que deve ser colocada em prática em intervenções fonoaudiológicas realizadas junto a esses profissionais.

O período inadequado e a dificuldade em horários compatíveis entre os participantes foram aspectos também citados por um telejornalista, e constatados no decorrer da intervenção. Os telejornalistas apresentavam horários diferentes em sua rotina, o que dificultou e postergou várias vezes o início da intervenção. Dessa forma, iniciaram-se as atividades no mês de novembro e foram finalizadas dez dias antes do Natal. Observou-se que nessa época, final de ano, os participantes estavam atarefados e que o clima era de finalizar tarefas e não iniciar uma intervenção. Talvez, se a mesma fosse oferecida em outra data, os telejornalistas apresentariam um melhor aproveitamento.

Avaliar os pontos positivos e negativos da intervenção, na opinião dos telejornalistas, foi fundamental, na medida em que forneceu informações da opinião dos sujeitos participantes, e permitiu o conhecimento de dados importantes, antes desconhecidos, sobre a realização da intervenção e que podem subsidiar outras intervenções com esses profissionais.

7.4 AVALIAÇÃO DOS TELESPECTADORES

A apresentação aos telespectadores foi feita de forma aleatória, sem revelar se pré e pós-intervenção, a fim de evitar que o avaliador fosse sugestionado, oferecendo valores maiores ou menores ao caso, apenas pelo conhecimento da condição do avaliado.

Observou-se, no julgamento dos telespectadores, em diferente porcentagem, que cinco dos seis telejornalistas trabalhados foram identificados como apresentando melhor desempenho no momento pós-intervenção (Tabela 3). Em quatro desses (T1, T4, T5 e T6), observa-se um percentual estatisticamente significativo de preferência dos telespectadores na situação pós-intervenção segundo o quadro de p-valores. Para os telejornalistas T2 e T3 não foi encontrada diferença entre os percentuais pré e pós-intervenção (Tabela 3). Destaca-se que somente T3 apresentou valores similares (34%) para a situação pré e pós-intervenção. É importante comentar que, embora a opinião dos telespectadores não tenha apontado melhora após a intervenção, a própria telejornalista (T3) referiu como ponto positivo a maior percepção de como falar em frente às câmeras e perceber suas dificuldades. Como ponto negativo a telejornalista relatou “*curto espaço de tempo, mas poderei desenvolver com o tempo as dicas passadas*” (Anexo 18). Observa-se no discurso da mesma que a intervenção foi suficiente para promover uma auto-avaliação, mas foi insuficiente para conseguir uma mudança efetiva de atitude. Para ZABALA (1998), aprendeu-se uma atitude quando a pessoa pensa, sente e atua de uma forma mais ou menos constante frente ao objeto concreto a quem dirige essa atitude.

É necessário destacar o resultado de T1. Essa telejornalista, na avaliação perceptivo-auditiva e visual, havia recebido a nota máxima em todos os parâmetros avaliados. Assim, acreditava-se que talvez fosse menos perceptível observar melhora na sua performance. Entretanto, verificou-se que, com a intervenção, ela foi que obteve a maior porcentagem de julgamentos de melhor emissão pós-intervenção.

Ao analisar sob o ponto de vista do sexo dos telespectadores, de acordo com julgamento realizado para cada telejornalista, verificou-se que somente existe diferença estatisticamente significativa entre os percentuais do sexo para a resposta pós-intervenção do T6, na qual o maior percentual a seu favor é do sexo masculino (Tabela 4).

Por fim, comparou-se a idade dos telespectadores de acordo com o julgamento realizado para cada telejornalista e observou-se que não houve diferença estatística significativa, com exceção da idade dos telespectadores que julgaram como melhor a situação pós-intervenção do T5, que foi menor e estatisticamente diferente das demais idades médias (Tabela 5).

Os dados da avaliação dos telespectadores demonstram que, apesar da intervenção ter sido realizada em curto tempo, ela pode ser efetiva, promovendo nos estudantes as características e cuidados básicos na atuação profissional, o que pode ser percebida pelos telespectadores, a quem o jornal é destinado.

BERTOSSI (1999) enfatizou a observação do ponto de vista do telespectador e sua influência sobre os padrões da comunicação telejornalística, uma vez que a audiência é um dos objetivos principais das emissoras de TV, as quais atualmente fazem enormes investimentos na busca de pontos no IBOPE.

Outro ponto a ser discutido refere-se à presença dos telejornalistas na intervenção. Nos dois primeiros encontros todos os participantes estavam presentes. Entretanto, faltaram no terceiro encontro os telejornalistas T3, T4 e T6; e no quarto, T2 e T4. É necessário destacar que a participante T3 na opinião dos telespectadores não obteve diferença entre pré e pós-intervenção e a mesma apresentou nota baixa nos parâmetros articulação dos sons, velocidade de fala, pausa, ênfase e modulação. O terceiro

encontro, no qual a mesma faltou, foi o dia em que foram trabalhados especificamente esses parâmetros. Acredita-se que isto possa ter prejudicado seu aprendizado. Em contrapartida, o participante T4 somente esteve presente nos dois primeiros encontros. Porém, mesmo com sua presença inconstante, a situação julgada pelos telespectadores como melhor foi a pós-intervenção. Isso demonstra que, mesmo tendo participado pouco da intervenção, houve melhora perceptível no seu desempenho.

Ao comparar as faltas e os resultados de T3 e T4, é interessante citar que ZABALA (1998) destacou que as aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes; correspondem, em grande parte, às experiências que cada um viveu desde o nascimento, a forma como se aprende e o ritmo da aprendizagem que variam segundo as capacidades, motivações e interesses de cada um dos indivíduos; enfim, a maneira e a forma como se produz a aprendizagem são o resultado de processos que sempre são singulares e pessoais.

Os resultados encontrados sugerem que a intervenção fonoaudiológica aplicada aos telejornalistas deste estudo foi efetiva, promovendo melhor desempenho na maioria dos participantes na opinião de telespectadores. Entretanto, acredita-se ser ainda insuficiente para o nível de cuidados que o telejornalista precisa ter com a comunicação de forma geral.

Esses dados corroboram com os estudos encontrados na literatura, nos quais foram realizadas intervenções fonoaudiológicas em telejornalistas e os resultados foram positivos (FERREIRA e RICCI, 1999; CASSOL, 2002; SERVILHA, 2002; TEIXEIRA *et al.* 2003; PETER e SOUTO, 2004; STIER e FEIJÓ, 2004; CAMARGO e PENTEADO, 2004; VIEIRA, 2005; STIER e FEIJÓ, 2005).

Outro ponto a ser considerado é que a intervenção parece ter despertado a vontade dos telejornalistas em desenvolver melhor sua

comunicação. Talvez esse possa ser um caminho para que o indivíduo dê continuidade no aperfeiçoamento de sua comunicação oral posteriormente.

Para futuros trabalhos desta natureza, com base nos resultados desta pesquisa, recomenda-se: mapear a demanda a fim de conhecer as peculiaridades do profissional a ser trabalhado; avaliar antes e após a realização da intervenção para que seus efeitos possam ser cuidadosamente registrados e, independente dos procedimentos adotados, devem ser os mesmos nos dois momentos; garantir as condições de trabalho em relação aos horários de início e término, assim como ao espaço utilizado e ambiente físico; gravar e/ou filmar a fim de registrar as etapas da intervenção fonoaudiológica, bem como o desempenho e comentários de cada participante; verificar a possibilidade de haver um grupo controle; ter maior duração; escolher um período que seja favorável para a intervenção; avaliar o resultado também na perspectiva dos participantes; e, no momento da intervenção, investir na auto-observação dos profissionais e observação dos outros.

Isso abre a possibilidade de estudos futuros com novas propostas de intervenção junto a essa população, para uma atuação fonoaudiológica cada vez mais efetiva.

8 CONCLUSÕES

Os resultados obtidos neste estudo permitem as seguintes conclusões:

- Os dois principais aspectos positivos da intervenção, relatados pelos telejornalistas participantes, foram a autopercepção e percepção de outros,

e o conhecimento de técnicas. O principal aspecto negativo foi o tempo reduzido da intervenção.

- Verificou-se, na opinião de telespectadores, que quatro dos seis telejornalistas obtiveram percentual estatisticamente significativo de preferência dos telespectadores na situação pós-intervenção, demonstrando efeito positivo da intervenção fonoaudiológica.
- Não houve, para a maioria dos telejornalistas analisados, predomínio quanto a sexo ou idade no julgamento dos telespectadores.

9 REFERÊNCIAS

1. Andrada e Silva M. Saúde Vocal. In: Pinho S. Fundamentos em Fonoaudiologia :tratando os distúrbios da voz. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
2. Antunes A. Condições de Produção Vocal em Operadores de Telemarketing. [Trabalho de Iniciação Científica]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica –PUC; 2005.
3. Azevedo JBM, Moura Carvalho R. Análise da performance vocal de apresentadores de telejornal. [Trabalho de conclusão de curso]. Belém: Universidade da Amazônia / UNAMA; 2003.
4. Azevedo JBA, Carvalho R, Machado HM. Características vocais desagradáveis utilizadas por apresentadores de telejornal segundo os

- ouvintes. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2005; Santos, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2005.
5. Behlau MS, Pontes PAL. Higiene vocal. São Paulo: Lovise; 1993.
 6. Behlau M, Stier MA. Voz profissional do repórter de TV. In: Behlau M. A voz do Especialista. Rio de Janeiro: Revinter; 2001. p. 253-263.
 7. Behlau M, Azevedo R, Pontes P, Brasil O. Disfonias Funcionais. In: Behlau M (Org). Voz: o livro do especialista. Rio de Janeiro: Editora revinter; 2001. v.1, cap 4; p.247 -294.
 8. Behlau M, Madazio G, Rehder MI, Azevedo R, Ferreira AE. Voz profissional: Aspectos gerais e atuação fonoaudiológica. In: Behlau M (Org). Voz : o livro do especialista. Rio de Janeiro: Revinter; 2005. v.2.
 9. Bertossi LS. Da televisão ao telespectador: repensando o trabalho fonoaudiológico na voz profissional. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 1999.
 10. Beutenmuller MG. Locução e TV; 1999.
 11. Camargo MO, Penteado RZ. Impacto de Oficina de voz na perspectiva do telejornalista. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2004; Foz do Iguaçu, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.
 12. Cassol M. Atuação fonoaudiológica na voz do repórter de Tv. Fonoaudiologia Brasil. 2002; 19-27.
 13. Cavalcanti MFPD. Análise de recursos vocais em locução de telejornalismo. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2000.
 14. Coelho MABC. Sinais Psicofisiológicos e vocais de ativação por stress no telejornalismo ao vivo. [Tese de Doutorado em Psicologia]. São Paulo: USP; 2002.
 15. Coelho MABC, Vasconcellos EG. Sinais Psicofisiológicos e vocais de ativação por stress no telejornalismo ao vivo. In: Anais do V Congresso Internacional, XI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, I Encontro Cearense de Fonoaudiologia; 2003; Ceará, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2003.
 16. Coelho MA, Panico ACB, Kyrillos LCR, Cotes C, Sanches AP. A expressividade vocal ao vivo: Fatores de interferência na performance de repórteres. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de

- Fonoaudiologia; 2004; Foz do Iguaçu, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.
17. Coelho MABC. A narração no telejornalismo ao vivo: Influências da “situação ao vivo” sobre a narração de repórteres e apresentadores. In: Gama ACC, Kyrillos L, Feijó D. Fonoaudiologia e Telejornalismo: Relatos do IV encontro nacional de Fonoaudiologia da central Globo de jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter; 2005.
 18. Cotes CSG. Apresentadores de telejornal: análise descritiva dos recursos não-verbais e vocais durante o relato da notícia. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2000.
 19. Cotes CSG, Ferreira LP. Voz e Gesto em telejornalismo. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2001; 1: 29-38.
 20. Cotes C, Ferreira LP. A gestualidade no telejornal. Revista De Signis – Los gestos: sentidos y prácticas. 2002;143-157.
 21. Cotes C. O corpo. In Kyrillos L, Cotes C, Feijó D. Voz e corpo na TV: A Fonoaudiologia a serviço da comunicação. São Paulo: Globo; 2003. p. 67.
 22. Cotes C. Voz e corpo na comunicação [filme]. São Paulo; 2003. 34 min.
 23. Cotes CSG. Gesto corporal e articulatório. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2004; Foz do Iguaçu, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.
 24. Cotes C. Expressividade do corpo. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2005; Santos, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2005.
 25. Cunha AA. Telejornalismo. São Paulo: Atlas; 1990.
 26. Cruttenden A. Intonation. United Kingdom: Cambridge; 1986.
 27. Diaféria G, Gasparini G, Behlau M. Análise perceptivo-auditiva de reportagens narradas por repórteres e apresentadores de telejornais. In: Anais do V Congresso Internacional, XI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, I Encontro Cearense de Fonoaudiologia; 2003; Ceará, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2003.
 28. Ferreira LP, Andrada e Silva, MA. Saúde Vocal: Práticas Fonoaudiológicas. São Paulo: Roca: 2002.

29. Ferreira L. Uso da voz em contexto profissional: Para além da clínica terapêutica. In: Ferreira LP, Andrada e Silva, MA. Saúde Vocal: Práticas Fonoaudiológicas. São Paulo: Roca; 2002, p. 1-6.
30. Ferreira L, Madureira S, Cavalcanti M. A expressividade na locução de telejornalismo: análise acústica da ênfase de uma escalada. In: Anais do VIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2000; Recife, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2000.
31. Ferreira IG, Ricci M. O uso da voz em *off*. Um novo mercado de trabalho com voz profissional. Fono Atual; 1999; 10: 39-40.
32. França L. Desenrolando a língua. Fortaleza: Premium; 2003.
33. França MC. Voz em telejornalismo: Fonoaudiologia e repórteres de TV. In: Kyrillos LR (org). Fonoaudiologia e telejornalismo: Relatos de Experiência na Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro: Revinter; 2003. p.3-18.
34. Gama ACC. Caracterização do padrão de emissão espontânea e profissional no telejornalismo. In: Kyrillos LR. Fonoaudiologia e telejornalismo: Relatos de experiências na Rede Globo de televisão. Rio de Janeiro: Revinter; 2003. p. 35 – 46.
35. Girotto CRM, Martins ACP. Oficina de voz profissional falada: Uma proposta de atuação em grupo com estudantes de jornalismo. In: Anais do VIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2000; Recife, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2000.
36. Kyrillos LCR, Mercatelli CR, Coelho RR, Donegá RS, Pereira MJ, Santos TM, Viola IC. Análise comparativa da comunicação de repórteres de televisão em emissão espontânea e profissional. In: Ferreira LP, Costa HO: Voz Ativa. São Paulo: Roca; 2000. p.227.
37. Kyrillos L, Feijó DA, Cotes C. A Fonoaudiologia no Telejornalismo. In: Ferreira LP, Andrade e Silva MA: Saúde Vocal: Práticas Fonoaudiológicas. São Paulo: Roca; 2002. p. 251.
38. Kyrillos L, Cotes C, Feijó D. Voz e corpo na TV: a Fonoaudiologia a serviço da comunicação. São Paulo: Globo; 2003.
39. Kyrillos LC. Voz – conhecer para melhor atuar. In: Kyrillos LR (org). Fonoaudiologia e telejornalismo: Relatos de Experiência na Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro: Revinter; 2003.
40. Kyrillos L. Voz na mídia. In: Ferreira LP, Lopes DMB; Limongi S. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca; 2004. p. 150 165.

41. Leitão AM. O repórter “Em cena”. [Trabalho de conclusão de curso]. Fortaleza; 1997.
42. Lopes V. Oratória e curso de comunicação oral. In: Ferreira LP, Silva M. Saúde Vocal: Práticas fonoaudiológicas. São Paulo: Roca; 2002. p. 39- 58.
43. Maciel P. Guia para falar (e aparecer) bem na televisão. Porto Alegre: Sagra- DC-Luzzatto. 2. ed; 1994.
44. Maciel P. Jornalismo de televisão. Porto Alegre: afiliada; 1995.
45. Martinez AMPL, SILVA AMRC. Aquecimento vocal – qualidade de voz. In: Feijó D, Kyrillos L. Fonoaudiologia e Telejornalismo – Baseado no III Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter; 2004. p. 23-48.
46. Mercatelli CR, Coelho RR, Donegá RS, Kyrillos LCR. Análise comparativa da comunicação de repórteres de televisão em emissão espontânea e profissional. In: Ferreira LP, Costa HO. Voz ativa: falando sobre o profissional da voz. São Paulo: Roca; 2000. p.103-118.
47. Mesquita TCLM, Martins AJMM, Gama ACC, Teixeira LC. A importância da atuação da Fonoaudiologia no telejornalismo. In: Anais do V Congresso Internacional, XI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, I Encontro Cearense de Fonoaudiologia; 2003; Ceará, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2003.
48. Oliveira M.L. Corpo e Comunicação Oral. Revista Fono Atual; 1998; 5: 28-30.
49. Panico ACB, Fukusima SS. Confiabilidade – Traços Acústicos que a caracterizam e como descrevê-los. In: Kyrillos LR. Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiência da Rede Globo de televisão. Rio de Janeiro: Revinter; 2003. p.47 – 60.
50. Panico ACB, Coelho MAC, Kyrillos LCR, Cotes C, Sanches AP. Um estudo sobre a rotina de repórteres na elaboração de “links”. In: Anais do XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2004; Foz do Iguaçu, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.
51. Panico A. Julgamento do comportamento vocal de jornalistas em diferentes estílios de notícia e seus correlatos acústicos. [Tese de Doutorado em Ciências]. Ribeirão Preto: USP; 2005.

52. Panico ACB. Comunicação Profissional: Fonoaudiologia e Telejornal. Revista da fonoaudiologia. 2005; 60: 18.
53. Panico ACB. Voz na TV – Avaliação vocal do profissional do telejornalismo. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2005; Santos, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2005.
54. Pânico ACB. Julgamento do comportamento vocal de jornalistas em diferentes estilos de notícia e seus correlatos acústicos. Revista Distúrbio da comunicação. 2005; 17: 2, p.275.
55. Peter GS, Souto MAC. Narração de um grupo de telejornalistas – Análise pré e pós atuação fonoaudiológica. In: Feijó D, Kyrillos L. Fonoaudiologia e telejornalismo: Baseado no III Encontro nacional de Fonoaudiologia da central Globo de jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter; 2004. p.127 – 152.
56. Peter G, Camargo Z, Pinho S. A atuação fonoaudiológica no telejornalismo. In: Pinho S. Temas em voz profissional. Rio de Janeiro: Revinter; 2007, p.33-55.
57. Pinto JB, Simões, TS, Vicentin TT, Gavião GC, Debrando MC, Pedraza JÁ, *et al.* Análise comparativa dos sintomas vocais relatados por um grupo de estudantes de jornalismo com dados encontrados nas avaliações fonoaudiológica e otorrinolaringológica da voz. In: Anais do XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2004; Foz do Iguaçu, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.
58. Polito R. Como falar corretamente e sem inibições. São Paulo: Saraiva; 1998.
59. Sanches AP, Kyrillos L, Panico ACB, Cotes C, Coelho M.A. Análise de aspectos fonoaudiológicos relevantes para a atuação dos telejornalistas. In: Anais do XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2004; Foz do Iguaçu, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.
60. Santos MAS, Sanches MH, Chun RYS, Servilha EAM. Promoção da saúde em Fonoaudiologia: O conhecimento do aluno de jornalismo sobre sua voz. In: Anais do XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2004; Foz do Iguaçu, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.

61. Servilha EAM. Fonoaudiologia e televisão: Espaço para a promoção da Comunicação. In: Ferreira, Andrada e Silva. Saúde Vocal – Práticas Fonoaudiológicas. São Paulo: Roca; 2002. p. 289 – 308.
62. Squirra SM. Aprender telejornalismo. São Paulo: Brasiliense; 1990.
63. Stephen A, Mitchell MD. The professional speaking voice. In: Benninger M.S; Jacobson, B.H; Johnson, A.F. Vocal Arts medicine – The care and prevention of professional voice disorders. 1994; Thieme, New York.
64. Stier MA. A voz profissional do repórter de TV. [Monografia de Especialização]. Curitiba: Centro de Estudos da voz; 1997.
65. Stier MA, Behlau M. Voz profissional do repórter de TV. In: Behlau M (org). A voz do especialista. Rio de Janeiro: Revinter; 2001.
66. Stier MA, Feijó D. Preparação diária da voz do repórter de televisão. In: Anais do XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2004; Foz do Iguaçu, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.
67. Stier MA, Neto BC. Expressividade: Falar com naturalidade e técnica no jornalismo de televisão. In: Kyrillos L. Expressividade: da teoria a prática. São Paulo: Revinter; 2005. p. 179 – 196.
68. Stier MA, Feijó D. Aquecimento vocal para telejornalista. In: Gama ACC, Kyrillos LR, Feijó D. Fonoaudiologia e telejornalismo: Relatos do IV encontro nacional de Fonoaudiologia da central Globo de jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter; 2005. p. 141 – 156.
69. Teixeira S, Krause O, Pinto. Efetividade do trabalho de orientação vocal junto os alunos do curso de jornalismo. In: Anais do V Congresso Internacional, XI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, I Encontro Cearense de Fonoaudiologia; 2003; Ceará, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2003.
70. Torres ML, Cotes C, Kyrillos L. The Professional Voice of TV Journalists: Practical Experience. In: Anais do 2 nd World Voice Congress; 1999; São Paulo, BR:1999.
71. Torres MLGM, Behlau M, Oliveira CA. Estudo da intenção comunicativa do repórter de TV na transmissão de textos noticiosos com dois conteúdos diferentes. Revista Fono Atual. 2004; 7, 27: 65-77.
72. Torres ML. Intenção comunicativa do repórter de Tv. In: Gama ACC, Kyrillos LR, Feijó D. Fonoaudiologia e Telejornalismo: Relatos do IV

Encontro Nacional de Fonoaudiologia da central Globo de jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter; 2005. p. 111 – 140.

73. Valladares R, Bergamo G. O fim dos mitos sobre o câncer. Revista Veja 2005,1905: 20.

74. Vieira VP. O efeito da orientação fonoaudiológica na expressividade em estagiários do curso de jornalismo de emissora de televisão. [Monografia de Especialização]. São Paulo: Centro de Estudos da Voz; 2005.

75. Vintturi J, Alku P, Lauri ER, Sala E, Sihvo M, Vilkman E. Objective analysis of vocal warm-up with special reference to ergonomic factors. J. Voice. 2001; 15: 36-53.

76. Viola L, Kyrillos L, Andrada e Silva M. Modalidades de escuta no trabalho com voz. In: Anais do IXV Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2006, Salvador, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2006.

77. Wojceihwski APF, Heemann CS. Saúde vocal do professor: a prevenção como fator primário. In: Behlau M (Org): Anais do IV Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p.508.

78. Zabala A. A Função Social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise. In: Zabala A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed; 1998. p. 27 –

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. Cuenca AMB, Noronha DP, Ferraz MLEF, Andrade TD. Guia de apresentação de teses. São Paulo; 2006.
2. Monteiro G. Guia para elaboração de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. São Paulo: Edicon; 2002.
3. Rother E, Braga M. Como elaborar sua tese: Estrutura e referências. São Paulo; 2001.

ANEXO 1

PARECER ÉTICA

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS TELEJORNALISTAS

Nome do participante:.....Data.....

Pesquisador: Juliana Bueno Meirelles de Azevedo

PUC- SP Rua Monte Alegre, 984 CEP: 05014 -000 - Perdizes

1. *Título do estudo:* Análise dos efeitos de uma intervenção fonoaudiológica realizada junto a telejornalistas.
2. *Propósito do estudo:* Verificar o efeito de uma intervenção fonoaudiológica realizada junto a telejornalistas, descrevendo os aspectos positivos e negativos na opinião dos participantes, verificando o julgamento do melhor desempenho dos telejornalistas, de acordo com a situação – pré ou pós-intervenção – na opinião de telespectadores, e se há diferença quanto ao sexo e à idade dos telespectadores, de acordo com o julgamento realizado para cada telejornalista.
3. *Procedimentos:* Serei solicitado a comparecer a oficina de Fonoaudiologia a ser realizada por um período de 1 mês, com uma carga horária de 10 horas, visando aprimorar minha atuação profissional.
4. *Riscos e desconfortos:* Não existem riscos médicos ou desconfortos associados com este projeto.
5. *Benefícios:* Compreendo que não existem benefícios médicos diretos para mim como participante neste estudo. Entretanto os resultados deste estudo podem ajudar os pesquisadores a avaliar os resultados da intervenção fonoaudiológica direcionada a demanda de telejornalistas.
6. *Direitos do participante:* Eu posso me retirar deste estudo a qualquer momento.
7. *Compensação financeira:* Fui esclarecido de que não haverá remuneração financeira.
8. *Confidencialidade:* De forma a registrar exatamente o meu desempenho pré e pós a oficina, um registro em vídeo será usado. Este vídeo será assistido pelo investigador principal, e por telespectadores. Compreendo que os resultados deste estudo poderão ser publicados em jornais profissionais ou apresentados em congressos profissionais, mas que, minhas gravações não serão reveladas a menos que a lei o requirite.
9. *Se tiver dúvidas posso telefonar para Fga. Juliana Bueno Meirelles de Azevedo, no número 82617991 a qualquer momento.*

Eu compreendo meus direitos como um sujeito de pesquisa e voluntariamente consinto em participar deste estudo. Compreendo sobre o que, como e porque este estudo está sendo feito. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Assinatura do sujeito _____

data _____

Assinatura do pesquisado _____

ANEXO 3

AVALIAÇÃO OCUPACIONAL DA VOZ FALADA PARA TELEJORNALISTAS

Caro Profissional, você foi escolhido (a) para responder o questionário a seguir. É muito importante que você responda corretamente todas as questões, pois certamente você estará contribuindo para a melhoria de sua profissão.

CONTAMOS COM SUA COLABORAÇÃO!!!!

I. DADOS PESSOAIS

1- Nome:

2- Data de Nascimento: / /

3- Formação:

4- Tempo de profissão:

5- Cargo que exerce:

6- Carga horária diária:

7- Carga horária semanal:

8- Em que área (s) de jornalismo atua:

II. DADOS RELACIONADOS A SAÚDE GERAL

9- Apresenta algum distúrbio de saúde geral? (digestivo...)

1- () sempre

2- () às vezes

3- () nunca

Se sempre ou as vezes, qual

(is)? _____

10- Apresenta algum distúrbio de vias aéreas? (Ex: rinite, sinusite...)

1- () sempre

2- () às vezes

3- () nunca

Se sempre ou as vezes, qual

(is)? _____

11- Apresenta queixa da saúde auditiva? (Ex: dificuldade para ouvir...)

1- () sempre

2- () às vezes

3- () nunca

Se sempre ou as vezes, qual

(is)? _____

12- Você nota algum sintoma quando abre a boca ou mastiga? (Ex: estalos, desvio do queixo...)

1- () sempre

2- () às vezes

3- () nunca

Se sempre ou as vezes, qual

(is)? _____

13- Apresenta hábitos irregulares em relação a alimentação? (Ex: horário irregular, alimentação desregrada...)

1- () sim

2- () não

Se sim, qual (is)? _____

14- Marque os itens que você tem o hábito de realizar antes do período de trabalho:

- | | |
|---------------------------------|------------------------------------|
| 1- () beber água | 6- () beber café |
| 2- () beber líquido gelado | 7- () comer chocolate |
| 3- () ingerir leite, queijo... | 8- () falar muito |
| 4- () fumar | 9- () outro (s). Qual (is)? _____ |
| 5- () gritar | |

15- Marque a (s) alternativa (s) dos sintomas vocais presentes nas últimas semanas:

- | | |
|----------------------------|-------------------------------------|
| 1- () cansaço ao falar | 9- () rouquidão |
| 2- () falhas na voz | 10- () pigarro |
| 3- () perda da voz | 11- () garganta seca |
| 4- () voz mais grossa | 12- () voz mais fina |
| 5- () voz fraca | 13- () voz forte |
| 6- () voz pior pela manhã | 14- () voz pior pela noite |
| 7- () dor ao falar | 15- () não apresento nenhum |
| 8- () ardor na garganta | 16- () outro (s). Qual (is)? _____ |

16- Você realiza atividade física?

- | | | |
|---------------|-----------------|--------------|
| 1- () sempre | 2- () às vezes | 3- () nunca |
|---------------|-----------------|--------------|
- Se sempre ou as vezes, qual (is)? _____

17- Você costuma acordar descansado?

- | | | |
|---------------|-----------------|--------------|
| 1- () sempre | 2- () às vezes | 3- () nunca |
|---------------|-----------------|--------------|

18- O stress está presente no seu trabalho?

- | | | |
|---------------|-----------------|--------------|
| 1- () sempre | 2- () às vezes | 3- () nunca |
|---------------|-----------------|--------------|

19- Caso tenha stress, o que considera causá-lo?

III. DADOS RELACIONADOS AO CONTEXTO PROFISSIONAL

20- Qual (is) o (s) tipo (s) de programa em que já trabalhou?

- | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|
| 1 () esporte | 5- () programas semanais |
| 2- () notícias factuais | 6- () programas de notícias diários |
| 3- () entrevistas | 7- () outro (s). Qual (is)? _____ |
| 4- () reportagens de comportamento | |

21- Atualmente qual (is) o (s) tipo (s) de programa (s) em que trabalha?

- | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|
| 1 () esporte | 5- () programas semanais |
| 2- () notícias factuais | 6- () programas de notícias diários |
| 3- () entrevistas | 7- () outro (s). Qual (is)? _____ |
| 4- () reportagens de comportamento | |

22- Realiza outra atividade profissional que use a voz?

- | | | |
|---------------|-----------------|--------------|
| 1- () sempre | 2- () às vezes | 3- () nunca |
|---------------|-----------------|--------------|
- Se sempre ou as vezes, qual (is)? _____

23- Você utiliza a voz em outra atividade que não a profissional, como por exemplo: karaokê, atividades esportivas, atividades de caridade, canto...?

- | | | |
|---------------|-----------------|--------------|
| 1- () sempre | 2- () às vezes | 3- () nunca |
|---------------|-----------------|--------------|

24- Sua voz expressa a intenção envolvida na notícia?

1- () sempre 2- () às vezes 3- () nunca

25- Realiza alguma técnica p/ usar a voz profissionalmente?

1- () sempre 2- () às vezes 3- () nunca

Se sempre ou as vezes, qual

(is)? _____

26- Você faz alguma coisa para cuidar da voz?

1- () sempre 2- () às vezes 3- () nunca

Se sempre ou as vezes, o

que? _____

27- Já fez terapia ou assessoria vocal p/ aprimorar sua voz?

1- () sim 2- () não

28- Você tem preocupação com os gestos realizados em sua atuação?

1- () sempre 2- () às vezes 3- () nunca

Se sempre ou as vezes, qual

(is)? _____

29- Você tem alguma preocupação em relação a sua vestimenta?

1- () sempre 2- () às vezes 3- () nunca

Se sempre ou as vezes, qual

(is)? _____

30- Você tem satisfação no desempenho de sua função?

1- () sim 2- () não

31- Durante a sua formação profissional, você recebeu alguma informação sobre cuidados com a voz?

1- () sim 2- () não

IV- DADOS RELACIONADOS A PERCEPCÃO DA VOZ

32- Está satisfeito com sua voz?

1- () sim 2- () não

33- Você tem ou já teve problemas na sua voz?

1- () sim 2- () não

Se sim, o

que? _____

34- Percebe algo que gostaria de melhorar em sua atuação?

1- () sim 2- () não

Se sim, o que? _____

35- Desde que você começou a atuar profissionalmente percebeu alguma mudança na sua voz?

1- () sim 2- () não

Se sim, qual (is)?

V. DADOS RELACIONADOS À ESTRUTURA OPERACIONAL

NO ESTÚDIO:

36- Há ruído no ambiente?

1- () sempre 2- () às vezes 3- () nunca
Se sempre ou as vezes, qual
(is)? _____

37- Há presença de isolamento acústico no seu ambiente de trabalho?

1- () sim 2- () não
Se sim,
qual? _____

38- Quanto a temperatura do ambiente de gravação, você considera?

1- () quente 4- () mudanças bruscas
2- () climatizado 5- () não sabe
3- () frio

39- Na sua opinião, a temperatura da sala de gravação é:

1- () agradável 2- () indiferente 3- () desagradável

40- Quanto ao tipo de iluminação:

1- () luz fria (branca) 3- () não sabe
2- () luz incandescente 4- () outra.
Qual? _____

41- Na sua opinião, a iluminação é:

1- () agradável 2- () desagradável 3- () indiferente

42- No seu ambiente de trabalho você percebe:

1- () presença de poeira 4- () outro.
Qual? _____
2- () fumaça 5- () nada que desperte atenção
3- () produto de limpeza com cheiro forte

43- Qual o tipo de microfone que você utiliza?

1- () "de mão"sem fio 3- () lapela
2- () "de mão"com fio 4- () outro. Qual (is)? _____

44- Você utiliza ponto?

1- () sempre 2- () às vezes 3- () nunca

FORA DO ESTÚDIO:

45- Qual o tipo de microfone que você utiliza?

1- () "de mão"sem fio 3- () lapela
2- () "de mão"com fio 4- () outro. Qual (is)? _____

46- Você utiliza ponto?

1- () sempre 2- () às vezes 3- () nunca

47- Há urgência na gravação de uma notícia para que esta seja levada ao ar?

1- () sempre 2- () às vezes 3- () nunca

48- Se você quiser acrescentar algo sobre qualquer uma das questões, anote aqui:

ANEXO 4
PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO EM CONTEXTO PROFISSIONAL
(Adaptado de Vieira 2005)

ANÁLISE VISUAL

1- Postura corporal adequada à função?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

2- Gestos de braços adequados ao texto?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

3- Gestos de mãos adequados ao texto?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

4- Gestos de cabeça adequados ao texto?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

5- Expressão facial adequada ao texto?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

6- Articulação dos sons da fala adequada à função?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

ANÁLISE AUDITIVA

1- Qualidade vocal adequada à função?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

2- Pitch adequado ao texto?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

3- Loudness adequada à situação?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

4- Velocidade de fala adequada ao texto?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

5- Pausas adequadas ao texto?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

6- Ênfases adequadas ao texto?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

7- Modulação da voz conforme o que deseja exprimir?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Pq? _____

ANEXO 5

**Planilha representativa da forma como foi feita a apresentação dos
telejornalistas (pré e pós-intervenção)**

	A1	A2	A3	A4	A5	A6
AMOSTRA A	Pré	Pós	Pós	Pré	Pré	Pós
AMOSTRA B	Pós	Pré	Pré	Pós	Pós	Pré

ANEXO 6
AVALIAÇÃO DOS PROCESSOS DE INTERVENÇÃO
POR PARTE DOS TELEJORNALISTAS

Aspectos POSITIVOS da intervenção:

Aspectos NEGATIVOS da intervenção:

ANEXO 7**FICHA DE AVALIAÇÃO PERCEPTIVO-AUDITIVA****ENTREGUE AOS TELESPECTADORES**

A seguir, você assistirá 6 telejornalistas durante a simulação de uma apresentação de telejornal. Cada noticiário será relatado 2 vezes. Você deve:

- ✓ Escolher em qual das duas apresentações (amostras A ou B) o telejornalista apresenta um melhor desempenho ou se elas são iguais.
- ✓ Desconsiderar a vestimenta.

AGRADECEMOS A SUA COLABORAÇÃO!!!**TELEJORNALISTA 1**

() A melhor () B Melhor () As duas são iguais

TELEJORNALISTA 2

() A melhor () B Melhor () As duas são iguais

TELEJORNALISTA 3

() A melhor () B Melhor () As duas são iguais

TELEJORNALISTA 4

() A melhor () B Melhor () As duas são iguais

TELEJORNALISTA 5

() A melhor () B Melhor () As duas são iguais

TELEJORNALISTA 6

() A melhor () B Melhor () As duas são iguais

ANEXO 8

Termo de consentimento livre e esclarecido aos telespectadores

Nome do participante:.....Data.....

Pesquisador: Juliana Bueno Meirelles de Azevedo

PUC- SP Rua Monte Alegre, 984 CEP: 05014 -000 – Perdizes

1 Título do estudo: Análise dos efeitos de uma intervenção fonoaudiológica realizada junto a telejornalistas.

2. Propósito do estudo: Verificar o efeito de uma intervenção fonoaudiológica realizada junto a telejornalistas, descrevendo os aspectos positivos e negativos na opinião dos participantes, verificando o julgamento do melhor desempenho dos telejornalistas, de acordo com a situação – pré ou pós-intervenção – na opinião de telespectadores, e se há diferença quanto ao sexo e a idade dos telespectadores, de acordo com o julgamento realizado para cada telejornalista.

3. Procedimentos: Serei solicitado a assistir 6 telejornalistas durante a simulação de uma apresentação de telejornal. Cada noticiário será relatado 2 vezes. Em seguida, opinarei em qual das duas amostras o telejornalista apresenta um melhor desempenho ou se as duas estão iguais.

4. Riscos e desconfortos: Não existem riscos médicos ou desconfortos associados com este projeto.

5. Benefícios: Compreendo que não existem benefícios médicos diretos para mim como participante neste estudo. Entretanto os resultados deste estudo podem ajudar os pesquisadores a avaliar os resultados da intervenção fonoaudiológica direcionada a demanda de telejornalistas.

6. Direitos do participante: Eu posso me retirar deste estudo a qualquer momento.

7. Compensação financeira: Fui esclarecido de que não haverá remuneração financeira.

8. Confidencialidade: De forma a registrar exatamente minha opinião, irei preencher uma “Ficha de avaliação Perceptivo-auditiva”. Esta ficha será analisada pelo investigador principal. Compreendo que os resultados deste estudo poderão ser publicados em jornais profissionais ou apresentados em congressos profissionais, mas que, opinião não será reveladas a menos que a lei o requirite.

9. Se tiver dúvidas posso telefonar para Fga. Juliana Bueno Meirelles de Azevedo, no número 82617991 a qualquer momento.

Eu compreendo meus direitos como um sujeito de pesquisa e voluntariamente consinto em participar deste estudo. Compreendo sobre o que, como e porque este estudo está sendo feito. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Assinatura do sujeito

data _____

Assinatura do pesquisador

ANEXO 9

Resposta dos telejornalistas ao

Questionário de Avaliação ocupacional da voz falada

Quadro 2 - Resposta referente a saúde geral.

	A1	A2	A3	A4	A5	A6
Presença de distúrbio de saúde geral	nunca	nunca	nunca	As vezes - azia	As vezes – dor de cabeça e estômago	nunca
Presença de distúrbio de vias aéreas	nunca	As vezes- rinite	nunca	nunca	nunca	As vezes
Presença de queixa de saúde auditiva	nunca	nunca	nunca	nunca	nunca	nunca
Presença de sintoma qd abre a boca ou mastiga	nunca	nunca	nunca	nunca	As vezes - estalos	As vezes-estalos
Presença de hábitos irregulares de alimentação	não	Sim- horário irregular	Sim- horário irregular/ alimentação desregrada	Sim- horário irregular	Sim- horário irregular/ alimentação desregrada	não
Hábitos presentes antes do período de trabalho	Beber água	Beber água, fumar	Beber água gelada e café, ingerir leite, queijo, fumar, falar muito	Beber água, falar muito	Beber água e café	Beber água
Sintomas vocais presentes nas últimas semanas	Voz pior pela manhã, dificuldade-articular palavras - aparelho dentário	Voz pior pela manhã, pigarro, garganta seca	Não apresenta nenhum	pigarro	Voz pior pela manhã	Voz mais grossa
Realização de atividade física	Sempre- musculação, caminhada, yoga	nunca	As vezes- natação	Sempre – musculação e corrida	As vezes caminhada	Sempre – futebol e academia
Acordar descansado	As vezes	As vezes	As vezes	As vezes	As vezes	As vezes
O stress presente no trabalho	As vezes	As vezes	As vezes	As vezes	sempre	As vezes
Causa do stress	Pressão	Ansiedade, pressão, responsabilidade , auto-crítica	Falta de tempo para realizar as tarefas solicitadas	Falta de tempo, acúmulo, ansiedade	Falta de tempo, objetivos que não dão certo	Muito trabalho

Quadro 3 - Resposta referente ao contexto ocupacional.

	A1	A2	A3	A4	A5	A6
Tipo (s) de programa realizado na TV	Notícias factuais, entrevistas, reportagens de comportamento, programas semanais, programas diários e documentários	Entrevistas, programas semanais	Programas de entrevistas e programas semanais	Entrevistas, reportagens de comportamento	Programas semanais	Programas de notícias factuais, entrevistas e programas semanais
Tipo(s) de programa (s) atual	Programa semanal e mensal	Entrevistas, programas	Programas de entrevistas e	Entrevistas, reportagens de	Programas semanais	Programas de notícias factuais,

na TV		semanais	programas semanais	comportamento		entrevistas e programas semanais
Outra atividade profissional que use a voz	As vezes – locução comercial	nunca	nunca	nunca	nunca	As vezes – programa de rádio, tradução e locução para comerciais esportivos
Utilização da voz em outra atividade que não a profissional	nunca	nunca	As vezes	nunca	nunca	As vezes
Uso da voz para expressar a intenção envolvida na notícia	As vezes	As vezes	As vezes	nunca	As vezes	sempre
Realização de alguma técnica para usar a voz profissionalmente	As vezes – aquecimento de voz, exercício de articulação e projeção	nunca	nunca	nunca	nunca	nunca
Cuidado com a voz	As vezes – não bebe líquidos muito gelado e não come chocolate	nunca	Nunca	nunca	Nunca	As vezes- não toma líquidos gelados
Realização de terapia ou assessoria vocal p/ aprimorar a voz	sim	nunca	nunca	nunca	nunca	nunca
Preocupação com os gestos realizados em sua atuação	Sempre – procura estar em sintonia e harmonia com a notícia ou texto lido	nunca	nunca	sempre	Sempre- não sabe o que fazer com as mãos	Sempre – utiliza o corpo para dar intenção
Preocupação em relação a vestimenta	Sempre- procura estar de acordo com o trabalho que apresenta, da maquiagem ao cabelo e acessórios	nunca	As vezes – para não parecer vulgar	As vezes	As vezes	Sempre- objetiva estar sempre apresentável
Satisfação no desempenho de sua função	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Presença de informações sobre cuidados com a voz durante sua formação profissional	não	não	não	não	não	sim

Quadro 4 - Resposta referente à percepção da voz.

	A1	A2	A3	A4	A5	A6
Satisfação com sua voz	não	sim	sim	sim	não	sim
Presença no presente ou passado de problemas na voz	nunca	nunca	nunca	Sim- quando estou gripada fico rouca	nunca	nunca
Necessidade de melhoras em sua atuação	respiração, interpretação, entoação e naturalidade	desenvolver técnicas	desenvolver técnicas de gestos e voz	desenvolver técnicas de postura	falar mais firme	manter a tonalidade aguda
Mudanças na voz desde o início da atuação profissional	Sim – melhora na velocidade de leitura de <i>off</i> (de mais lento para mais natural) e	não	não	Sim – maior cuidado em relação a voz	Sim – maior cuidado em pronunciar melhor as palavras e falar	Sim – ficou mais grave

	melhor impostação				mais pausadamente	
--	-------------------	--	--	--	-------------------	--

Quadro 5 - Resposta referente a estrutura operacional.

	A1	A2	A3	A4	A5	A6
Presença de ruído no estúdio	As vezes - campainha	nunca	As vezes	As vezes	nunca	As vezes
Presença de isolamento acústico no estúdio	Sim – do tipo espuma	Sim – do tipo songa	Sim – não sabe especificar	Sim – não sabe especificar	Sim - – não sabe especificar	sim
Considerações sobre a temperatura no estúdio	Quente/ Desagradável	Climatizado/ agradável	Climatizado/ indiferente	Quente/ desagradável	Há mudanças bruscas no ambiente de gravação devido ao liga e desliga do ar/ indiferente	Climatizada / Agradável
Tipo de iluminação no estúdio	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Luz incandescente	Luz incandescente	Não sabe
Considerações sobre a iluminação	desagradável	Agradável	indiferente	indiferente	quente	agradável
Outras considerações sobre o estúdio	Nada que desperte atenção	Produto de limpeza com cheiro forte	Nada que desperte atenção	Presença de poeira	Nada que desperte atenção	Nada que desperte atenção
Tipo de microfone utilizado no estúdio	lapela	lapela	lapela	lapela	lapela	lapela
Utilização de ponto no estúdio	nunca	nunca	nunca	nunca	nunca	nunca
Tipo de microfone utilizado fora do estúdio	“de mão” com e sem fio	“de mão” com e sem fio e lapela	“de mão” com e sem fio	“de mão” com e sem fio	“de mão” com e sem fio e lapela	“de mão” com e sem fio e lapela
Utilização de ponto fora do estúdio	nunca	nunca	nunca	nunca	nunca	nunca
Urgência na gravação de uma notícia para que esta seja levada ao ar	As vezes	As vezes	nunca	As vezes	As vezes	As vezes

ANEXO 10

Resultados da Avaliação fonoaudiológica.

Quadro 6 - Registro numérico e descritivo referente a análise fonoaudiológica do desempenho profissional.

	A1	A2	A3	A4	A5	A6
Postura Corporal	7	7	6	2 – estereotipados demais	2 – pescoço para frente	7
Gestos de braços	7	2 – repetitivos e estereotipados	2 - estereotipados	2 - pobres	2 - repetitivos	7
Gestos de mãos	7	2 - repetitivos e estereotipados	2 - estereotipados	2 - pobres	2 – paradas demais	7
Gestos de	7	6	4 – um pouco repetitivos	2 - aleatórios	6	2

cabeça						
Expressão facial	7	2 – rosto tenso	1 - fixa	2 - rígida	2 – muito fixa	7
Articulação dos sons	7	5	2 – grande desvio de mandíbula	2 – falta de precisão e amplitude	2 - imprecisa	2
Qualidade vocal	7	7	7	3 – ressonância hiponasal	6	7
Pitch	7	7	7	6	1 – muito agudo	7
Loudness	7	7	7	6	4	7
Velocidade de fala	7	7	2 – muito rápida	6	6	7
Pausas	7	7	2 – quase não pausa	2 – quase não utiliza	6	7
Ênfases	7	7	2 – quase não usa	2 – quase não utiliza	6	7
Modulação	7	4 – um pouco repetitiva	2 – padrão muito repetitivo	2 – padrão repetitivo	2 - repetitiva	7
TOTAL DE PONTOS	91	70	46	39	47	81

Quadro 7 - Descrição da impressão geral referente a observação *in loco*.

Ambiente de trabalho	Estúdio de gravação quente com presença de poeira; a sala de edição é bastante fria; para gravação do <i>off</i> , o microfone fica pendurado - com uma das mãos o telejornalista segura o texto a ser lido e a outra fica livre.
Pontos relevantes na atuação	O <i>off</i> sempre é gravado no estúdio e não necessariamente no mesmo dia da gravação externa; a <i>passagem</i> não é gravada necessariamente no mesmo dia e local que a gravação externa; os jornalistas acumulam várias funções na emissora; geralmente não há muita urgência na gravação

Quadro 8 - Descrição do uso de recursos vocais e corporais referente à observação *in loco* dos participantes.

A1	Voz grave; pouca ênfase; velocidade média; ausência de ataque vocal; expressão facial; postura corporal e meneios de cabeça adequados ao conteúdo narrado; transmite segurança durante as gravações o que fica evidente em sua fala; não realiza aquecimento antes da gravação; possui preocupação com a aparência antes de gravar; perfeccionista no trabalho e bastante crítica.
A2	Pigarreia muito antes de gravar; não realiza aquecimento vocal; apresenta <i>pitch</i> grave; <i>loudness</i> adequado; articulação precisa; velocidade adequada ao conteúdo narrado; modulação vocal restrita; uso de ênfase e pausa não valorizam o assunto de maneira eficiente; ritmo repetitivo e monótono; expressão facial tensa independente do conteúdo; postura corporal rígida; gestos de mãos e meneios de cabeça repetitivos.
A3	Não realiza aquecimento vocal; <i>pitch</i> adequado ao assunto narrado; não utiliza ênfase e modulação; realiza pausas inadequadas ao discurso o que mostra uma leitura estereotipada; expressão facial apática; na maioria das vezes não distribui o peso do corpo nos dois pés; meneios de cabeça desconexos a fala; braços rígidos; postura de mão inadequada; grande desvio de mandíbula para o lado direito e transmite insegurança antes e durante a gravação.
A4	Não realiza aquecimento vocal; mantém atitude dispersa antes de gravar; demonstra insegurança antes e durante alguma gravação; apresenta voz grave, monótona, sem variação de frequência; não utiliza ênfase; articulação imprecisa; pausas inadequadas na narração tanto na leitura de <i>off</i> transmitindo uma leitura estereotipada como na gravação de <i>passagem</i> ; velocidade lenta; expressão facial fixa e inexpressiva; postura

	corporal rígida; braços fixos paralelos ao corpo; e cabeça com movimentos sem harmonia com o conteúdo.
A5	Não realiza aquecimento vocal; apresenta <i>pitch</i> agudizado transmitindo insegurança na narração da notícia; modulação repetitiva; não utiliza ênfase e pausa o que torna sua narração monótona; articulação travada; pouca expressão facial; postura corporal fixa; braços rígidos com poucos movimentos.
A6	Estilo mais descontraído; utiliza ênfase de forma adequada; modulação de frequência; articulação imprecisa; gestos de mão adequados; expressão facial adequada ao conteúdo; e corpo inclinado para trás em todas as suas atuações.

ANEXO 11
AQUECIMENTO VOCAL
(KYRILLOS, 2004)

- Técnica de movimentos exagerados da musculatura facial – exercício de 1 minuto
- Técnica de massagem circular na musculatura facial (músculo frontal, músculo orbicular do olho, músculo orbicular da boca, músculo bucinador, músculo mentoniano): exercício de 1 minuto.
- Técnica de som hiperagudo: exercício de produção da vogal sustentada “i” em falsete, por 10 vezes.
- Técnica de som basal: exercício de 1 minuto de sustentação da vogal “a”.

- Técnica de sons vibrantes: vibração continuada da língua., sem esforço, por 10 vezes.
- Técnica de fala mastigada: exercício de emissão vocal de som nasal /m/, associado aos movimentos mastigatórios exagerados, por 1 minuto.

ANEXO 12

DIÁLOGOS

DIÁLOGO 1

Repórter: *Estamos aqui para entrevistar um morador do bairro. Qual é a sua sugestão para a melhoria do bairro?*

Entrevistado: *Na minha opinião o aumento de linhas de ônibus que pudessem levar a população ao centro da cidade com mais rapidez*

Repórter: *Mas você não acha que isso atende apenas a uma parte da população?*

Entrevistado: *Mas é a população da qual eu faço parte e essa é a minha opinião*

DIÁLOGO 2

1- Ângela tivesse três irmãs e quisesse um irmão

2- Ângela tivesse três irmãos e quisesse um irmã

Maria: *Você ganhou um irmão ou uma irmã?*

Ângela: *Um novo irmão.*

ANEXO 13**TEXTOS****TEXTO 1:**

“Estamos aqui presentes no enterro do empresário Simon Santos, 53 anos, dono de uma das maiores empresas de cestas básicas do Brasil. Simon foi assassinado nessa madrugada quando entrava em sua casa. A esposa está chorando descontroladamente e as filhas estão jogadas perto do caixão. As pessoas estão chorando muito e o clima está realmente muito pesado”.

TEXTO 2:

“O Vasco da Gama acaba de conquistar o título de campeão brasileiro. A comemoração aqui no estádio é realmente muito intensa”.

TEXTO 3:

REVISTA VEJA (2005)

“No dia 1º de dezembro do ano passado, uma notícia mudou o curso da vida do ator Raul Cortez. Internado as pressas depois de passar mal em casa, ele recebeu um diagnóstico assustador: estava com câncer no aparelho digestivo”.

“Cortez teve de interromper sua participação na novela Senhora do Destino, então no ar, para submeter-se a uma cirurgia de extração do duodeno e de partes do estômago e do pâncreas. Atualmente, ele passa por um duro tratamento de quimioterapia”.

“A experiência de Raul Cortez reflete de maneira exemplar o momento atual da luta contra o câncer no Brasil, onde se estima que mais de 450 000 casos sejam diagnosticados em 2005. A medicina tem obtido grandes avanços na compreensão da doença e no combate a ela”.

“O câncer deixou de ser equiparado a uma sentença inapelável de morte e tornou-se um problema que, em muitos casos, pode ser controlado, dando ao portador uma sobrevida antes inimaginável e uma qualidade de vida bastante próxima daquela das pessoas que sofrem de doenças crônicas”.

“Os progressos no campo científico se somam às novas atitudes culturais de médicos, grupos de apoio, parentes e dos próprios pacientes – que via internet, podem obter informação atualizada e de qualidade sobre o mal que os aflige. O resultado é a pulverização de velhos estigmas em torno do câncer”.

“Duas décadas atrás, a ciência apenas tateava na compreensão do câncer. Isso mudou bastante. Falar da doença no singular é hoje, inclusive, uma imprecisão: segundo a Organização Mundial da Saúde, existem 804 tipos de câncer identificados e classificados. Diagnósticos mais precoces e precisos, remédios mais potentes e menos nocivos ao organismo, técnicas de extração dos tumores menos agressivos”.

TEXTO 4:

Lá vem o pato
 Pata aqui, pata acolá
 Lá vem o pato
 Pra ver o que é que há.
 O pato pateta
 Pintou o caneco
 Surrou a galinha
 Bateu no marreco.
 Pulou do puleiro
 No pé do cavalo
 Levou um coice

Criou um galo
 Comeu um pedaço
 De genipapo
 Ficou engasgado
 Com dor no papo
 Caiu no poço
 Quebrou a tigela.
 Tantas fez o moço
 Que foi pra panela.
Vinícios de Moraes

ANEXO 14

SEQUÊNCIAS ARTICULATÓRIAS

Seqüência 1:

prra prré prrê prri prró prrô prru
 pra pré prê pri pró prô pru

* Fazer também com | t | e | k|.

Seqüência 2:

Pra tra kra	Bra dra gra	Fra sra Sra
Pré tré kré	Bré dré gré	Fré sré Sré
Prê trê krê	Brê drê grê	Frê srê Srê
Pri tri kri	Bri dri gri	Fri sri Sri

Pró tró kró	Bró dró gró	Fró sró Sró
Prô trô cro	Brô drô grô	Frô srô Srô
Pru tru cru	Bru dru gru	Fru sru Sru

ANEXO 15
LISTA DE TRAVA-LÍNGUAS - PALAVRAS E FRASES
(FRANÇA, 2003)

Lista de palavras:

Adestramento	Agronômico
Branquicefalia	Benignidade
Cabeleireiro	Condensabilidade
Desnaturalização	Depreciamento
Esplanquinológico	Exorbitância
Farmacográfico	Falcatruar
Grumetagem	Galvonômetro
Homógrafo	Herborizador
Inadiplento	Incongruência
Jurupari	Jurisprudência
Liquação	Liquidificável
Metrificação	Maquinação
Nefrolitíase	Nautografia
Ofiomórfico	Obrigatoriedade
Paralalismo	Paraplégico
Quartenário	Quadrifurcado
Receptibilidade	Resplendoroso
Saponário	Semafórico
Tacladista	Transexualismo
Unanimidade	Umectante
Violoncelista	Volateante

Xerografia
Zootáxico

Xingamento
zumimento

Lista de Frases:

- Arquimedes Alves da Silva é um arquiteto aristocrático que anda arborizando a Austrália sem arbitrariedade
- O bibliotecário brincalhão e babaca, belisca a barriga branca da bibliotecária
- O cardiologista conquistou a confiança das carmelitas, do clero e calcografou a conferência
- Desajustar a descontinuidade do desinfecionado dentro do diagnóstico do doutor é doravante: descristianização, deslembração, diagramação e desamabilidade dogmática
- O encaixotamento da enciclopédia Xavier encabulou o encarafuchador com a exatidão de um escatológico na encalacração
- A familiaridade floriforme foi feita da facibilidade, floricultura e ferruginosidade forraginosa
- O general generalício geralmente generaliza a generosidade germânica na generalização generativa
- Horripilante é o homenzarrão hodométrico no holocausto holômetro do hortifrutigranjeiro hospitalar
- A insanidade da imortalidade na improcedência é inconfessa, inconquistável e inquestionável em uma inconstitucionalidade incorruptível
- O jumento jabuticabal é justiceiro
- Lerdo, lento e lalau é o lardeador licorista da lingüística litográfica
- Minha melhor amiga é a Maria Madalena, mulher moderna, não maquiavática e meteorograficamente melindrosa e melográfica
- Nenhum navio negreiro navegará naturalmente no nominalismo da navegabilidade naviforme de Niterói
- O observador da obsequiosidade obstacular, observa o obstrucionista obstrutivo
- Paulo Pereira pede uma particularização ao Pedro Pedrosa, proprietário da pedreira
- O quibe quadrado do Canadá está queimado nos quadriláteros de queijo de Quixeramobim
- Rute, Raquel e Romualdo rivalizam a ramalheteria reconfortante de rabdomante
- Sara suspende a substituição surrealista na suscetibilidade dos seus sussuros
- O testamento do telespectador do telejornal é taquimetrado, tempestuoso e tetragravado
- O usuário de urânio unificado, usualmente usa a uretomia uniforme
- Vejo na viticultura, a vitrificação volatizada do voltâmetro

- É chique o xiquexique da chica xiririca no xadrez
- O zangão zangado zangateia na zanguizarra do zeuzo ziguezagueante.

ANEXO 16

FRASES

FRASE 1

Ex 1:

- 1- Eu sento aqui
- 2- Eu sento aqui
- 3- Eu sento aqui

Ex 2:

- 1- Eu fui à cidade de São Paulo
- 2- Eu fui à cidade de São Paulo
- 3- Eu fui à cidade de São Paulo

Ex 3:

- 1- “Hoje, o presidente da República foi preso no planalto”
- 2- “Hoje, o presidente da República foi preso no planalto”
- 3- “Hoje, o presidente da República foi preso no planalto”

Ex 4: (Feijó, 2003)

- 1- “A crise política causou a queda das ações na bolsa de valores”
- 2- “A crise política causou a queda das ações na bolsa de valores”
- 3- “A crise política causou a queda das ações na bolsa de valores”

Ex 5: (Feijó, 2003)

- 1- “O presidente revogou a lei que aumenta a pensão dos aposentados”
- 2- “O presidente revogou a lei que aumenta a pensão dos aposentados”
- 3- “O presidente revogou a lei que aumenta a pensão dos aposentados”

Ex 6: (Feijó, 2003)

- 1- “As mulheres provocam menos acidentes de trânsito do que os homens”
- 2- “As mulheres provocam menos acidentes de trânsito do que os homens”
- 3- “As mulheres provocam menos acidentes de trânsito do que os homens”

Ex 7:

- 1- *“Hoje fui ao centro da cidade as 18 horas, estava chovendo e você não veio”*
- 2- *“Hoje fui ao centro da cidade as 18 horas, estava chovendo e você não veio”*
- 3- *“Hoje fui ao centro da cidade as 18 horas, estava chovendo e você não veio”*
- 4- *“Hoje fui ao centro da cidade as 18 horas, estava chovendo e você não veio”*
- 5- *“Hoje fui ao centro da cidade as 18 horas, estava chovendo e você não veio”*
- 6- *“Hoje fui ao centro da cidade as 18 horas, estava chovendo e você não veio”*

Ex 8:

- 1- Se o importante é destacar a quantidade de trabalhadores, pois na verdade se esperava que a proposta fosse aceita por todos: (Feijó, 2003)
“Trinta por cento dos trabalhadores aceitaram a proposta de reposição”
- 2- Se a proposta fosse um absurdo e a expectativa fosse de que ninguém a aceitasse.
“Trinta por cento dos trabalhadores aceitaram a proposta de reposição”.

Ex 9:

- 1- Se o que se quer pôr em relevo é a idéia do criador, diremos:
Deus fez o mundo em seis dias e no sétimo descansou
- 2- Mas se o que se quer pôr em relevo é a idéia da criação, então diremos:
Deus fez o mundo em seis dias e no sétimo descansou
- 3- Pode ser, porém, que o que se queira salientar seja o fato de ter sido feito em apenas seis dias:
Deus fez o mundo em seis dias e no sétimo descansou
- 4- Finalmente, talvez se queira assinalar que, em certo momento, também Deus descansou:
Deus fez o mundo em seis dias e no sétimo descansou

FRASE 2:

- 1- *“Nossa, o preço do tomate subiu de novo!”.*
“Nossa, o preço do tomate subiu de novo!”.

2- “O trânsito está cada dia pior!”.

“O trânsito está cada dia pior!”

3- “Nunca mais peço um favor a ela”.

“Nunca mais peço um favor a ela”.

FRASE 3:

PALAVRA “OH”

1- Você acaba de abrir um lindo presente

2- Você soube da morte de um grande amigo

3- Você descobre que comeram seu doce predileto

4- Você acaba de derrubar suco de uva no colo

5- O filho de seu amigo acaba de molhar você

FRASE 4:

1- *“Depois de pagar 200 dólares, a profissional descobriu que havia sido enganada”* (Ascendente)

2- *“Depois de pagar 200 dólares, a profissional descobriu que havia sido enganada”* (Descendente).

3- Boletim de economia / Informação sobre a bolsa de valores (Linear)

4- (errado) *“O frio pegou os paulistanos de surpresa (ascendente) e isso é muito ruim (ascendente)”*

FRASE 5:

1- Utilizando as pausas (vírgulas).

“À medida que o Natal se aproxima, as lojas investem em decoração, e o comércio projeta um aumento de vendas em relação ao ano passado”.

2- Sem utilizar as pausas (vírgulas).

“À medida que o Natal se aproxima as lojas investem em decoração e o comércio projeta um aumento de vendas em relação ao ano passado”.

3- Realizar as pausas de acordo com as marcações:

“À medida que o Natal se aproxima as lojas investem em decoração e o comércio / projeta um aumento de vendas / em relação ao ano passado”.

4- Pausa explicativa para criar expectativa e chamar a atenção.

“Ano passado 2 milhões de pessoas / morreram”

ANEXO 17
PALAVRAS

- 1- Denden - a. interrogando
b. afirmando
c. exclamando com desolação
- 2- Bombom – a. oferecendo
b. aceitando
c. recusando
d. exclamando
- 3- Psiu - a. chamando alguém
b. pedindo silêncio
c. chamando um gatinho

ANEXO 18

DADOS REFERENTES A AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE

INTERVENÇÃO –

PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS

	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
A1	- Reforçar algumas técnicas apreendidas anteriormente; - Conhecimento de novos exercícios de aquecimento, articulação e relaxamento vocal; - O treinamento antes da gravação de off's e apresentação em estúdio foi essencial para a readaptação dos movimentos articulatórios, uma vez que estou usando aparelho móvel nos dentes.	- Gostaria que a Oficina tivesse sido mais longa, com um acompanhamento da fonoaudióloga mais caso a caso. Seria interessante se pudéssemos gravar alguns textos na presença da profissional (tal qual o fazemos durante nosso trabalho), para que as dificuldades fossem percebidas em conjunto, o que também traria mais consciência em relação ao que é necessário melhorar.
A2	- Possibilidade de conhecer técnicas para um trabalho mais elaborado com a voz, - Exercícios para melhorar a dicção, - Conhecimento necessário de como cuidar bem da voz; Possibilidade de conhecer melhor os defeitos em relação a postura no vídeo e saber como corrigi-los.	A data em que a oficina foi realizada. Como ela aconteceu no final do ano, período em que normalmente o fluxo de trabalho é maior, não pude acompanhar todos os encontros. Caso ela fosse oferecida em janeiro/fevereiro ou em junho/julho, certamente o aproveitamento teria sido maior
A3	- Maior percepção de como falar em frente as câmeras e perceber minhas dificuldades.	Curto espaço de tempo, mas poderei desenvolver com o tempo as dicas passadas
A4	- Me fez ficar mais atento na hora da gravação, tanto com minha postura quanto com minha voz.; - Pude observar detalhes, em mim e nos outros, que podem ser corrigidos, mas que primeiro teriam que ser notados.	A disponibilidade de tempo minha fez com que fosse uma oficina superficial, as correções simples puderam ser pelo menos notadas, mas os desvios mais complexos não puderam ser muito trabalhados”.
A5	- Estou mais atenta quanto a modulação da voz, ênfase nas palavras e, principalmente, movimentos corporais e faciais, os quais para mim, são a parte mais difícil de uma passagem ou cabeça. Acredito não estar mais tão “perdida” quanto onde colocar as mãos.	Pouco tempo e dificuldades técnicas, por assim dizer; seria melhor gravar mais coisas para assistirmos depois
A6	- Exercícios de aquecimento vocal: ótimos, pois ajuda a deixar a gesticulação muito mais tranquila e suave para uma fala muito melhor. - O Pra Pre Prê Pri Pro Prò Pru, entre outros, me ajudaram bastante na pronúncia e na gesticulação, já que sou estrangeiro e às vezes sinto dificuldade com algumas palavras; - Aulas sobre o comportamento e saúde: ou seja, o que pode estragar ou afetar a nossa voz. Foi importante saber que precisamos sempre manter as cordas vocais e essa região sempre úmida, bebendo água natural não gelada. Aprendemos a conhecer o que nos faz mal e o que resseca a garganta estragando a voz; - Gravações e feedback: A gente gravava algumas passagens e depois nos deram notas sobre o nosso desempenho. Foi importante notar como eu me movimentava na tela. Percebemos juntos que mexia a cabeça muito para cima. Sou extremamente expressivo, portanto, foi ótimo ver os meus pontos que poderiam cansar o espectador. Depois dessa intervenção, prestei total atenção a minha postura, aos meus movimentos de mãos e braços e da cabeça.	Fator Tempo: Destacaria um único problema que não é necessariamente da FONO, mas sim administrativo. Isto é, os repórteres não tinham os mesmos horários pelo fato de duas coisas: A primeira é que alguns estudavam em diferentes horários pelo fato de estudarem diferentes cursos. O outro fator era que todos tinham horários de matérias marcados em diferentes horários e o almoço ficava muito apertado também. A nossa orientadora, isto é, você Juliana, também tinha um certo horário e imagino que muitas atividades a realizar. Por tudo isto que mencionei anteriormente, dificultou muito que todos pudessem aprender e praticar muito mais e assim aproveitar ao 100% o que a Juliana tinha para nos oferecer. Apontaria o fator tempo ou administração do tempo como uma falha, mas não é uma falha do curso de fono para os repórteres, mas sim uma falha de todos, pois todos estávamos com diferentes atividades marcadas, como por exemplo, matérias, gravações, edição, TCC etc.

GLOSSÁRIO

Definição dos termos sublinhados na dissertação segundo COTES (2003):

- *Ao vivo* ou *link*: É a transmissão do repórter no momento do fato ocorrido;
- *Off*: A fala é coberta com imagens e não há exposição do repórter;
- *Passagem*: É a gravação feita pelo repórter no local do acontecimento;
- *Teleprompter (TP)*: aparelho situado na frente da câmera de televisão que transmite o texto a ser lido.